

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Guilherme Geraldes Rosa

A mídia e a abordagem socioeconômica do Nordeste no período 2010-2022

**SÃO PAULO
2024**

Guilherme Geraldes Rosa

A mídia e a abordagem socioeconômica do Nordeste no período 2010-2022

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
Apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rita de Cássia Ariza da
Cruz.

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, Valquíria, maior exemplo na minha vida, mulher batalhadora que sempre se esforçou muito para eu ter uma boa educação. Seus carinhos, conselhos, apoios e broncas foram essenciais na minha vida. Tudo que eu tive, tenho e vou ter ainda nessa vida, é graças a você e todas as coisas que a senhora fez por mim. Te amo.

Agradeço muito a outras duas importantes mulheres na minha vida, minha irmã Flávia, a qual sempre torceu por mim, e sempre que possível me ajudou a resolver problemas que apareciam em meu caminho. E minha avó Leonor, conhecida como vó Filoca, mulher extremamente carinhosa, que me ensinou várias coisas ao longo da vida, mas principalmente me ensinou o valor da bondade, da simplicidade e do afeto. Duas mulheres extremamente esforçadas que amo muito.

Agradeço meu pai, Marcos, pelos momentos de parceria ao longo da vida.

Agradeço meu avô José, homem que conheci muito pouco durante minha vida, porém as histórias que minha mãe conta sobre ele, deixam claro que ele era um nordestino muito trabalhador, esforçado e ciente do queria na vida. Ele foi uma grande inspiração na escolha do tema para este trabalho.

Agradeço à minha linda namorada Fernanda, que foi um presente que 2024 trouxe para minha vida. Além de me ajudar ao longo do trabalho, ela está sempre me incentivando e sempre me fazendo feliz. As conversas com ela me ajudaram sempre a aliviar o estresse do dia a dia. Eu a amo muito, e pretendo agradecê-la em muitos outros momentos de nossas vidas.

Agradeço a FFLCH como um todo, por ter sido um ambiente acolhedor, onde aprendi muito, me tornei alguém mais crítico e pude conhecer uma diversidade enorme de pessoas e opiniões. Agradeço a todos os amigos que fiz, os quais fizeram minha graduação mais alegre e leve, principalmente meu amigo Guilherme Alves, que além de ser uma pessoa incrível e parceira, me ajudou em diversos trabalhos ao longo do bacharelado e da licenciatura.

Por fim, agradeço a todos os professores que me deram aula durante esses 5 anos e que me ensinaram muito, especialmente à professora Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, que sempre foi muito atenciosa comigo, muito esforçada em suas aulas, portadora de uma didática incrível, muito simpática e que me auxiliou muito como orientadora.

RESUMO

A região Nordeste, desde o início do século XXI, vem passando por diversas mudanças e melhorias graças a políticas públicas nacionais, que vêm tendo impactos muito positivos tanto no âmbito econômico, quanto no âmbito social. Essas melhorias em diversas áreas da sociedade nordestina acabam por gerar diversas expectativas a respeito de como seria a realidade socioeconômica nordestina na segunda década do século XXI, período este marcado, nacionalmente, por um crescimento econômico no início, uma forte retração econômica no meio, e mais ao final, os impactos negativos da Covid-19. Apesar de termos uma mudança na realidade socioeconômica nordestina na primeira década do século XXI, observamos que, a mídia continuava a representar a região da mesma forma que vinha representando desde sempre, associando-a à pobreza, seca, atraso e miséria, criando uma imagem estereotipada da região na mente dos brasileiros, e deixando a dúvida: Será que na segunda década do século XXI, a mídia seguirá retratando o Nordeste da mesma forma? Tendo isso em mente, o presente trabalho, utilizando levantamentos bibliográficos; análises de dados de órgãos nacionais, analisando matérias feitas pelas Folha de São Paulo nesse intervalo de tempo, visa fazer uma análise socioeconômica da região Nordeste no intervalo de 2010 até 2022, e entender como a mídia retratou a região durante esse tempo, observando se houve mudanças significativas ou não.

ABSTRACT

The Northeast region, since the beginning of the 21st century, has been undergoing several changes and improvements thanks to national public policies, which have had very positive impacts in both the economic and social spheres. These improvements in several areas of Northeastern society end up generating different expectations regarding what the Northeastern socioeconomic reality would be like in the second decade of the 21st century, a period marked, nationally, by economic growth at the beginning, a strong economic contraction in the middle, and towards the end, the negative impacts of Covid-19. Despite seeing a change in the socioeconomic reality of the Northeast in the first decade of the 21st century, we observed that the media continued to represent the region in the same way it had always been representing it, associating it with poverty, drought, backwardness and misery, creating a stereotypical image of the region in the minds of Brazilians, and leaving the question: Will the media continue to portray the Northeast in the same way in the second decade of the 21st century? With this in mind, the present work, using bibliographical surveys; analysis of data from national bodies, analyzing articles made by Folha de São Paulo in this period of time, aims to carry out a socioeconomic analysis of the Northeast region from 2010 to 2022, and understand how the media portrayed the region during this time, observing whether there was significant changes or not.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1- Breve análise histórica do Nordeste.....	4
Capítulo 2-Análise Socioeconômica do Nordeste de 2010-2022.....	16
Capítulo 3- Como a mídia analisou e representou o Nordeste entre 2010 a 2022.....	34
Capítulo 3.1- O papel da mídia pensado a partir da teoria das representações sociais.....	56
Conclusão.....	62
Referências Bibliográficas	65

Introdução

O Censo Demográfico do Brasil de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi essencial para compreendermos diversos aspectos e evoluções que ocorreram na última década no Brasil, nos permitindo entender diversas nuances do território brasileiro como um todo, além da possibilidade de compreender as diferenças entre os 27 estados, e principalmente, entender as diferenças e desigualdades marcantes que distinguem as 5 grandes regiões do país.

Fazendo uma análise histórica, vemos que essa desigualdade entre as 5 grandes regiões apresentada no Censo de 2022, é algo tradicional na história do Brasil, pois, a via de regra do capitalismo no país, era a de concentrar as riquezas principalmente nas regiões com o principal desenvolvimento econômico em certo período, ou seja, a centralização do capital ocorreu de maneira seletiva do ponto de vista espacial, tendendo a se concentrar em determinados espaços que eram mais vantajosos e interessantes, enquanto outros ficavam a mercê desse processo. Isso acabava por ocasionar um empobrecimento em outras regiões, gerando um desenvolvimento geográfico desigual no país. Isso ajuda a entender o porquê do Nordeste brasileiro, objeto de estudo deste trabalho de graduação individual, na grande parte de sua história, ter sido visto com um olhar de inferioridade e atraso em relação às regiões do Sul e Sudeste do Brasil, vistas como áreas muito avançadas.

Falando mais especificamente do Nordeste, vemos que essa região apresentou diversas fases ao longo de sua história, tendo seu período áureo durante o início da colonização brasileira graças à produção de cana de açúcar. Entretanto, com a crise da economia açucareira no Nordeste, que coincidiu com a descoberta de ouro em Minas Gerais, ocasionou enorme influência na região mineira, e perda do protagonismo econômico e político nordestino. Já no século XIX, temos; o impacto da economia cafeeira e da industrialização no Sudeste (mais especificamente em São Paulo e no Rio de Janeiro), que gerou abandono e desinteresse do Estado brasileiro por investir no Nordeste. Já no século XX; a criação de planos e organismos regionais, como o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), para tentar dinamizar a região e minimizar as desigualdades entre o Nordeste e as regiões Sul e Sudeste marcaram a história nesse período; a primeira década do século XXI, onde a região ainda se encontrava atrasada em relação ao Centro-Sul do país, porém graças a diversas medidas políticas, a região vinha crescendo em diversos aspectos econômicos sociais. (Carvalho, 2018)

Chegando a segunda década do século XXI, por ser muito recente, ainda não foram feitos muitos estudos sobre a região Nordeste neste período, o que é ruim, pois com o tempo, ela vem galgando espaço como, mesmo atrás de Sul e Sudeste, uma região importantíssima para a economia brasileira, pois, de acordo com o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV IBRE):

A abrangência territorial dessa região corresponde a cerca de 18% do território brasileiro, e a sua população, na média de 2002 a 2020, representou cerca de 28% do total de habitantes do Brasil. Segundo a pesquisa de Estimativa da População do IBGE, em torno de 57 milhões de pessoas residiam no Nordeste, em 2020, distribuídas em 1.794 municípios dos nove estados constituintes da região. O PIB nordestino, na média de 2002 a 2020, representou 13,6% do PIB brasileiro, de acordo com dados do Sistema de Contas Regionais do IBGE. Destaca-se que, em 2003 essa participação chegou a ser de 12,8%; a menor da série histórica; contudo, a partir de 2014, a região Nordeste aumentou sua participação no PIB nacional tendo representado 14,5% do PIB brasileiro, em 2017, o maior percentual da série histórica. A partir de então, a região tem perdido participação no PIB nacional, tendo, em 2020, participação de 14,2%. (2023, p. 3)

Tendo em vista o peso da importância do Nordeste para o Brasil, tanto financeiramente, quanto demograficamente, é de suma importância , e foco deste trabalho, fazer uma análise sócio econômica do Nordeste na última década visando entender quais foram as principais características socioeconômicas dessa região nesse período, para conseguir compreender mais um dos capítulos que constituem a história dessa região tão essencial para o país, e ver como ela vem avançando em relação ao seu passado. Entendendo como certas políticas realizadas pelo governo, na primeira década do século, tiveram impactos na segunda década, no que se refere a atração de investimentos, melhoria de infraestrutura e ampliação na sua produção. Buscamos ainda, analisar essa região a partir de certas óticas, como compreender como a mesma se portou e sofreu as consequências da segunda década do século XXI, considerada como uma das piores décadas econômicas da história do Brasil; quais foram as consequências da Covid-19 na região; e também, a partir das conclusões a respeito da economia e dos ganhos e perdas que a sociedade teve, analisar a região a partir das ideias de crescimento econômico e desenvolvimento econômico, para entender como a relação economia-sociedade se desenvolveu na região na última década.

Essa análise, além de se apoiar sobre uma perspectiva histórica, é feita a partir de uma investigação quantitativa e da utilização do método dialético, a primeira utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Banco do Nordeste (BNB), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), e a segunda baseada em leituras e autores que elucidam as contradições da sociedade brasileira.

A importância de uma análise aprofundada a respeito da região Nordeste, serve também para entender como a mídia retratou essa região ao longo da última década, buscando saber se ela buscou analisar a região de acordo com o momento atual, dando ênfase nos diversos avanços e conquistas que ocorrem na região durante a década passada, ou se a mídia ainda produz uma análise estereotipada e reducionista do Nordeste, descrevendo e apresentando como um local pobre, atrasado e descrevendo a região como um “grande Sertão” seco, sofrido e carente, sempre em comparação com o Sul e Sudeste do Brasil, tidos como lugares avançados e enriquecidos.

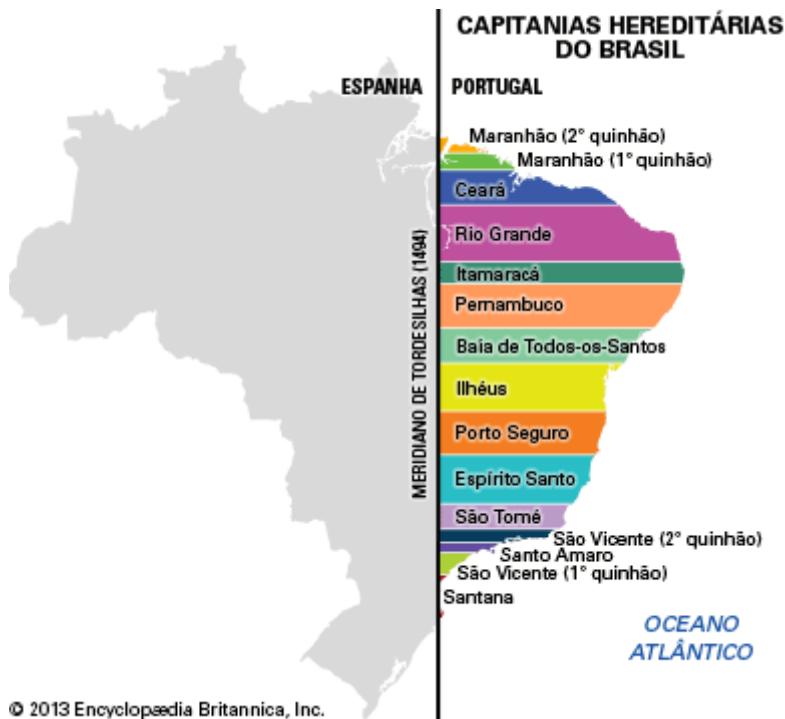
Analizar como a mídia representou o Nordeste neste período, foge apenas de um estudo a respeito do plano cultural, pois essas imagens acabam refletindo no plano político. Se sabe, que ao longo da história, essas imagens estereotipadas do Nordeste, serviram para as elites políticas locais como uma forma de atrair investimentos, alegando que com essa verba eles conseguiram “vencer” as secas e assim melhorar a economia da região. No entanto, esses recursos eram quase nada ou pouco usados para objetivo original, sendo na realidade, utilizado pelos políticos e latifundiários como forma de garantir seus luxos, benefícios e interesses na região, aumentando a desigualdade social que existia no Nordeste, e que teve continuidade durante várias décadas seguintes. Ou seja, a imagem estereotipada que a mídia fazia sobre o Nordeste, era defendida pelas elites, pois estas tinham interesses em transformar a região, e viam nesse discurso, uma atribuição de juízos e valores que legitimam ações para transformá-lo de acordo com seus interesses.(Moraes, 2003).

Saber hoje, se essas imagens continuam sendo veiculadas pela mídia, auxilia-nos a entender duas coisas: se as classes privilegiadas ainda tem a possibilidade de continuar utilizando esse imaginário como forma de apoio para se beneficiar, além de que, se essas imagens continuam tendo presença e influência na formação do pensamento coletivo que o brasileiro forma sobre o Nordeste. Baseando-nos na Teoria das Representações Sociais (a qual será utilizada para explicar a influência da mídias na produção de ideais sobre a região), elaboradas pelo psicólogo Serge Moscovici e trabalhada pela psicóloga Denise Jodelet, vemos que o pensamento coletivo, acaba por ser uma mistura do pensamento científico e do pensamento individual de cada pessoa. Então, por meio de um contato estereotipado com a região Nordeste, a chance do cidadão brasileiro enxergar, interpretar e reproduzir falas a respeito desse espaço, como um local atrasado e pobre é muito grande, situação que não pode mais vir a ocorrer no século XXI.

Sendo assim, este trabalho, sendo baseado no método dialético, o qual busca apresentar as contradições da sociedade, e utilizando como metodologias levantamentos bibliográficos e análises bibliográficas sobre os temas, como uma forma de análise histórica da região; levantamento de dados produzidos por órgãos públicos e estudo de análises já feitas sobre eles; análise de matérias jornalísticas sobre o Nordeste, realizadas pelo principal jornal do país, a Folha de São Paulo, e analisando criticamente os resultados, esse texto busca entender quais as principais características socioeconômicas do Nordeste entre 2010 e 2022, e como a mídia retratou a região durante esse período. Cabe destacar que abordagem deste trabalho recai sobre a escala macrorregional, ou seja, não é um objetivo do texto tratar isoladamente cada estado da região, ainda que, por vezes, serão apresentados dados desagregados para alguns estados. Esses dados, ajudam a reconhecer que existem desigualdades intrar-regionais, as quais ficarão evidentes a partir de gráfico e tabelas presentes neste TGI

Capítulo 1- Breve análise histórica do Nordeste

Este trabalho versa sobre uma das grandes regiões do País, o Nordeste, tal como definido pelo IBGE em 1969/70. Entretanto, em nossa breve deriva histórica, quando falamos em Nordeste, nos referimos, em verdade, às capitâncias hereditárias que, séculos, mais tarde, dariam origem à região.



FONTE:

<https://historiapublica.blogspot.com/2016/09/mapa-das-capitanias-hereditarias.html>

Vemos que no período das capitâncias, na região hoje conhecida como Nordeste, já existiam capitâncias com alguns nomes que perduram até hoje nomeando diversos estados brasileiros, como Ceará, Pernambuco e Maranhão. Porém a divisão das capitâncias pouco se assemelha com a divisão do IBGE, pois enquanto o IBGE busca dividir com certos objetivos de análise ou para políticas públicas, as capitâncias eram entregues pelo reinado de Portugal, para que portugueses povoassem as capitâncias, as desenvolvendo economicamente e as protegendo da entrada de invasores.



FONTE: <https://memoria.ibge.gov.br/linha-do-tempo.html>

Na divisão de 1942 do IBGE, feita pelo engenheiro e geógrafo, Fábio de Macedo Soares Guimarães, a qual considera a posição geográfica das regiões e suas características naturais, como clima, vegetação e relevo, vemos uma prévia do que seria a região Nordeste definida posteriormente. Dos 9 estados que a compõem atualmente, 5 já faziam parte, com exceção da Bahia, Sergipe, Maranhão e Piauí.



FONTE: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=1561>

Já a regionalização de 1969/70, marcada pelo novo contexto econômico e político da ditadura, foi feita com o objetivo de ordenamento do território visando a intervenção estatal (Contel, 2014). Nessa regionalização foi definida oficialmente a região Nordeste, a qual já contava com todos os estados que fazem parte da região atualmente.



FONTE: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=348&evento>

Por fim, a regionalização de 1991, utilizada na atualidade e a qual será a principal referenciada no presente trabalho, definida após a Constituição de 1988, está representada no Mapa a seguir, que mantém a Região Nordeste tal como a regionalização de 1969/70.



Apesar de o recorte histórico desse texto se passar na segunda década do século XXI, é essencial estudar o passado da região Nordeste para conhecer os diversos processos que ajudaram na formação das características da região ao longo do tempo. Muitas das quais ainda vemos hoje em dia e que estão presentes no imaginário da população. É essencial entender quais eram as características econômicas e sociais da região no início dos anos 2010, para compreender como a região estava entrando nesse novo período da história. Conseguindo assim, comparar esse começo com o que ela passou ao longo desse intervalo de tempo e entender as permanências, mudanças, evoluções e pioras que a região passou de 2010 para 2022.

O Nordeste, de 2000 para cá, teve uma melhoria muito significativa a respeito tanto de sua economia, quanto em relação a indicadores de qualidade de vida. Apresentando crescimento do PIB maior que o nacional, e apresentando crescimento do IDH maior que das regiões mais ricas do Brasil, fazendo com que, mesmo com valores ainda distantes, a diferença entre as regiões fosse reduzida. Mas nem sempre foi assim, durante grande parte da história brasileira, o Nordeste foi uma região que sofreu muito com a pobreza, desigualdade social, elevadas levas de migrantes saindo de seus estados e muito descaso de políticos, os quais estavam mais focados em enriquecer às custas da região. Tudo isso, somado ao problema das secas e ao modo como a mídia construía a imagem do nordeste e do nordestino influenciando o imaginário brasileiro sobre a região. Hoje, o Nordeste, apesar de quebrar uma tradição e apresentar um bom período de crescimento econômico com simultâneas melhorias sociais, continua como a região mais pobre e atrasada região do País, o que se dá, em grande medida, graças às consequências do passado da região.

Falando da história econômica do Nordeste, o Nordeste foi a primeira região a ser ocupada no período colonial, e a primeira região a desenvolver uma atividade econômica, a produção de cana de açúcar, visando sua exportação para a Europa. O açúcar formou o engenho que ocupou a faixa próxima do litoral e trouxe a pecuária, que ampliou o território econômico na direção do agreste e sertão. Até o começo do século XVIII, a economia brasileira estava concentrada entre as capitâncias do Maranhão e da Bahia, sendo a de Pernambuco a mais rica e populosa de todas; e Salvador, na Bahia, a capital do País até 1763 (Carvalho, 2018). Vemos assim, que a região do Nordeste foi a mais rica do país durante os dois primeiros séculos do período colonial. Sabendo disso, surge a dúvida: por que o Nordeste não continuou a ser, até hoje, a região mais rica do país, ou melhor, o que fez o Nordeste perder tanta influência econômica e política? A resposta de maneira simplificada está ligada ao desenvolvimento geográfico desigual que começava a se fazer presente no Brasil. Isso pois, o descobrimento de ouro em Minas Gerais fez com que grande parte da atenção e gastos da metrópole fossem voltados para a região mineira, beneficiando-a, enquanto o descaso com as capitâncias do Nordeste gerava cada vez mais desaceleração em sua economia. No século XIX, as desigualdades entre o Nordeste e o Sudeste aumentaram, isso pois o principal produto brasileiro exportado se tornou o café, enquanto o açúcar nordestino ia perdendo cada vez mais importância nas exportações e tinha suas exportações declinadas. Para agravar as desigualdades, o processo de industrialização do Sudeste, comandado por São Paulo e viabilizado pelo capital adquirido com a economia cafeeira, fez com que a região se tornasse o principal polo econômico brasileiro, gerando uma hegemonia econômica sobre as demais regiões. Isso gerou um “deslocamento do centro dinâmico” da economia, do Nordeste para o Sudeste (Carvalho, 2018). Para piorar a situação Nordestina, com a Crise de 29, o Sudeste começou a produzir para o mercado nacional, entrando em concorrência com o Nordeste, pois esta era a função que tinha sobrado para a região. É nesta fase que fica mais claro o distanciamento entre o Sudeste, comandado pelo dinâmico processo de industrialização, e o Nordeste estagnado, preso a uma estrutura antiga de setores exportadores, sobretudo açúcar e algodão, sem capacidade de dinamizar outras atividades produtivas (Carvalho, 2018).

Aliado a essa perda gradual de poder político e econômico, o Nordeste sofria com secas que agravavam ainda mais a sua situação, e foi em cima dessas secas que foi construído o discurso de que a pobreza e o atraso da região estão diretamente ligados a esse fenômeno natural, o que somente começa a ser enfrentado na segunda metade do século XX (Albuquerque Jr, 2009 apud Carvalho, 2018). Essa ideia sobre o Nordeste, foi responsável pela criação de diversos órgãos que buscaram intervir no combate aos efeitos das secas, como o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e o Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). Porém, como dito anteriormente, essa ideia de que o Nordeste é um local de seca, pobreza e atraso, foi utilizado pelas grandes elites para que elas pudessem utilizar os recursos que esses departamentos concediam, ocasionando numa maior desigualdade social na região. O DNOCS, por exemplo, estava sob o controle dos interesses oligárquicos locais, que privatizavam os recursos destinados a obras e projetos (Carvalho, 2018).

Graças a ineficiência das instituições criadas para combater a seca; a política desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek e o receio em relação aos sindicalismos rurais que vinham nascendo, foi desenvolvida a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que influenciada pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e as ideias de Celso Furtado, tinha como uma de suas principais ideias, a necessidade de integração econômica e a industrialização do Nordeste, para que a região conseguisse acompanhar o restante da economia brasileira, e assim, diminuir as desigualdades em relação ao Sul e Sudeste. Para Celso Furtado, o problema do Nordeste estava no fato de ser uma área relativamente muito populosa, mas pobre, onde o elemento complicador era a presença e o domínio dos interesses políticos e sociais das velhas oligarquias ligadas aos latifúndios, cenário que contrastava com aquele predominante no Centro-Sul, onde se constatavam os interesses das classes médias e empresariais que conduziam um processo acelerado de industrialização e urbanização (Amaral Filho, 2010).

Vale ressaltar que, em todas essas etapas da Sudene, da sua criação em 1959 até seu encerramento em 2001, o desempenho da economia nordestina acompanhou de perto o ritmo da economia nacional, elevando suas taxas quando esta última crescia e, no mesmo sentido, diminuindo seu crescimento quando a economia brasileira apresentava desaceleração. Por exemplo, dos anos 60 a 80, período de crescimento econômico do Brasil, e por consequência, período que a Sudene recebeu mais verba do governo, o Nordeste foi a região que mais cresceu no país. Para se ter uma noção, entre 1965 e 1985, o PIB gerado no Nordeste cresceu (média de 6,3% ao ano) mais que o do Japão no mesmo período (5,5% ao ano) (ARAUJO, 2014). Ressaltando que durante esse período de 60 a 80, marcado pela ditadura militar e pelo milagre econômico, as leis estabelecidas deixavam as questões sociais e outras características intrínsecas da região nordestina ficam em segundo plano, em prol de uma política de crescimento meramente econômico (De Oliveira, 2020), ou seja, mesmo respingando de forma positiva na vida da população, os trabalhos para a Sudene visavam em primeiro lugar o crescimento econômico. Nas palavras do sociólogo Chico de Oliveira, “o planejamento num sistema capitalista não é mais que a forma de racionalização da reprodução ampliada do capital” (77, p. 24).

Porém dos anos 80 até o fim da Sudene, em 2001, período de retração econômica, avanço do modelo neo-liberal no Brasil, o qual sugere menor intervenção do Estado na economia, vemos a ocorrência de impactos negativos nas políticas de desenvolvimento regional (OLIVEIRA, 2020), mais especificamente, vemos durante esse período, o momento mais fraco da Sudene, no qual ela recebe menos verba, e por consequência, vemos mais uma vez o Nordeste sofrendo pela falta de recursos, investimentos, e apresentando os piores dados sociais e econômicos do país. Com o fim do século XX, e analisando o papel da Sudene durante esse período, foi visto que as condições econômicas nordestinas se distanciaram significativamente da antiga base produtiva dos anos 1950, alterando-a quase por completo, isso pois, esse crescimento do Nordeste em relação ao País promoveu uma radical transformação no perfil de sua estrutura produtiva, na medida em que as atividades urbanas (indústrias e serviços) ampliaram suas presenças na composição da produção nordestina. (Carvalho, 2018). No entanto, o crescimento econômico, ao longo de várias décadas, quase não alterou os traços mais fortes da região: a desigual distribuição de renda e de terra, o baixo índice de desenvolvimento humano e a concentração espacial da indústria na faixa litorânea, localizada principalmente nas capitais dos estados maiores (Carvalho, 2018), isso pois, apesar dos grandes esforços empreendidos pelo governo federal na Região Nordeste, as estruturas, particularmente agrícolas e agrárias, e as instituições a elas associadas, exerceiram o papel de freio sobre as mudanças desejadas pelo planejamento da Sudene de Celso Furtado (Amaral Filho, 2010). O Brasil do fim do século XX havia se tornado uma importante economia industrial construída em processo que agudizou desigualdades sociais e regionais. (Bacelar, 2014).

Porém, no início do século XXI, período em que a economia mundial se mostrava numa melhor condição, onde vários países passavam por um contexto de crescimento econômico, vemos que essa situação não foi diferente no Brasil, isso pois, pelo acelerado crescimento da China, grande parceira do Brasil e que se torna a principal compradora das commodities brasileiras, fez com que a economia brasileira melhorasse seu desempenho. E essa melhora de desempenho financeiro teve reflexo nas decisões políticas que afetaram diretamente e positivamente os dados socioeconômicos do Nordeste, isso pois, a melhoria do quadro fiscal foi abrindo espaço para a retomada de políticas públicas, em especial as federais (Bacelar, 2014). O Nordeste nos anos pós-SUDENE pode ser caracterizado tanto pela retomada das taxas de crescimento maiores que a média nacional como pelo crescimento mais rápido dos indicadores sociais em relação às demais regiões, firmando uma tendência de lenta aproximação desses indicadores com a média nacional. No sentido histórico, o Nordeste pós-SUDENE pode também ser caracterizado por um aspecto particular: a constituição de uma economia capaz de conviver com estiagens prolongadas e a consequente perda de importância da seca como fenômeno provocador da pobreza e da migração (Carvalho, 2018).

Esse crescimento econômico do Nordeste na primeira década dos anos 2000, é explicado pela ação direta do Estado, porém não mais com políticas de desenvolvimento regional, mas sim com a criação de políticas de desenvolvimento nacional, que tinham o intuito de mitigar a pobreza no país, e que por consequência, acabou por auxiliar na situação socioeconômica do Nordeste, a região mais pobre. De acordo com Osmar Faustino de Oliveira (2020), a primeira década do século XXI abre com melhorias em políticas nacionais horizontais e setoriais, que têm rebatimento regional positivo na batalha contra as disparidades regionais.

As principais medidas dessas políticas de desenvolvimento nacional que impactaram na região nordestina, foram, de acordo com o economista Jair do Amaral Filho (2010), a efetividade das políticas de “solidariedade regional” e a efetividade das políticas de “coesão social”.

A política de “solidariedade regional”, nada mais é que políticas de transferência de renda dos estados mais ricos para os mais pobres, das regiões mais ricas para as mais pobres, com o intuito de diminuir as desigualdades e as distâncias socioeconômicas entre elas. Um exemplo de aplicação dessa lei, é que na constituição de 1988, a qual reconhece diferenças regionais, é assegurado o percentual de 3% da arrecadação do Imposto de Renda (IR) e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para aplicação em programas de financiamento ao setor produtivo das regiões mais pobres e, no caso do Nordeste, definindo tratamento especial ao Semiárido, ao assegurar-lhe a metade dos recursos federais destinados à região para aplicação direta na construção de infraestrutura e ampliação do tecido empresarial (Carvalho, 2018). De acordo com Jair do Amaral Filho:

O princípio da equalização, ou da “solidariedade regional”, é aquele que orienta as ações do governo federal para que o mesmo busque a inclusão de regiões desfavorecidas no processo de desenvolvimento econômico, a fim de atingir o objetivo da integração nacional. Por meio desse princípio, ou da redistribuição dos recursos entre os entes, o governo federal é o principal canal para a constituição da base material necessária para a diminuição das desigualdades e dos conflitos entre os estados subnacionais. A redistribuição dos recursos, por meio das transferências intergovernamentais é, de fato, a principal marca da “solidariedade regional”; no entanto, a redistribuição dos investimentos públicos, por parte do governo federal, é a forma mais consequente no combate às disparidades regionais. Há muito se sabe que os investimentos em capital físico, ou em infraestrutura, são de longe os principais mecanismos de equalização do desenvolvimento entre as regiões, além de gerarem externalidades para o capital privado. Sem dúvida, essa importância continua inabalável, já que os estados subnacionais não reúnem capacidade nem funcionalidade para realizarem investimentos em grandes projetos estruturantes, tais como redes regionais de transporte, grandes barragens, redes regionais de transposição e distribuição de água, portos, aeroportos etc. No entanto, no caso do Nordeste, especificamente, os investimentos públicos devem visar também a formação de capital humano e a base em ciência, tecnologia e inovação (2010, p. 8-9).

Já as políticas de “coesão social”, as quais foram possíveis graças à melhoria do quadro fiscal que foi abrindo espaço para a retomada de políticas públicas, se referem às políticas realizadas pelo governo que impactam na renda das famílias, no poder de compra do cidadão e na melhora da qualidade de vida, a qual, ocasionando melhora na vida do indivíduo, faz com que ele gere, por meio do seu trabalho resultados frutíferos para a economia do país, no caso específico, do Nordeste. Podemos citar como políticas de “coesão social” e suas consequências, o Programa Bolsa Família (que auxiliava na renda das famílias, e pelo fato de o

Nordeste concentrar, na época, mais de metade da população muito pobre do país, a região captava 55% dos recursos desse programa (Bacelar,2014)); aumento do salário mínimo em um contexto de inflação controlada (que possibilitava maior poder de compra para os nordestinos); o estímulo a economia nordestina com auxílio do Programa de Aceleração do Crescimento, conhecido como PAC. Além desses, que foram os principais programas feitos dentro desse bojo de políticas de “coesão social”, tivemos outros instrumentos de forte impacto na região, como o Programa de Fortalecimento da Agricultura (Pronaf), o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), o CrediAmigo, o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), os quais impactaram de maneira decisiva na realidade socioeconômica nordestina na primeira década do século XXI. Esses exemplos, mostram como o governo atuou para melhorar a realidade socioeconômica da população nordestina, e seus resultados foram que, de acordo com os dados fornecidos pelo censo demográfico de 2000 e 2010, que, entre 2000 e 2010 o valor do rendimento médio das famílias residentes no Nordeste cresceu 5,6% a.a., quando a média nacional foi de 4,5%, e no Sudeste essa taxa foi de 3,9% (Bacelar, 2014).

O aumento da renda da população, graças às políticas de “coesão social”, dinamizou a economia e o consumo da região. As políticas de “solidariedade regional”, as quais ampliaram a quantidade de dinheiro que ia para a região do nordeste, fez com que esse dinheiro fosse investido na melhoria da infraestrutura da região. Melhora de infraestrutura somada ao aumento do consumo e poder de compra na região, fez com que diversas empresas buscassem instalar unidades em diferentes cidades do Nordeste, ocasionando mais dinamismo econômico na região, ao mesmo tempo em que era vista uma diminuição nos índices de desemprego. De acordo com Tânia Bacelar:

Com a renda em crescimento, o consumo se dinamizou. Mas vale destacar que o dinamismo do consumo estimulou, em um segundo momento, o investimento. Não se conseguirão entender as mudanças recentes na vida econômica do Nordeste sem examinar esse outro componente. Indústrias de alimentos e bebidas, de bens duráveis, por exemplo, buscaram se instalar ou se ampliar para produzir na região, em especial em suas cidades médias. As grandes redes de supermercados e os shopping centers também se multiplicaram nesses locais, a fim de disputar os novos consumidores (2014, p. 547).

Vale destacar outros projetos estimulados pelos PAC que afetaram de maneira decisiva a realidade socioeconômica nordestina durante esse período. Um deles é o programa Minha Casa Minha Vida, que combate o déficit habitacional das famílias de baixa renda; parceria com a Petrobrás (após a descoberta do pré-sal) que estimulou o setor da construção civil no Nordeste, gerando mais empregos, além de que, estaleiros foram levados para diversos estados do Nordeste, e três novas refinarias foram instaladas na região, fugindo do padrão concentrador Sul e Sudeste; outro instrumento usado para retomar o crescimento foi o crédito, já que, na primeira década dos anos 2000, o economista Leonardo Guimarães Neto (2016) mostrou que o Norte e o Nordeste lideram o crescimento do crédito no país, tanto de pessoa física quanto de pessoa jurídica. Além do crédito ao consumo, merece destaque o comportamento do crédito ao investimento no Nordeste dos anos recentes. E os bancos públicos desempenharam papel

importante nesse contexto, merecendo destaque o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e o BNDES (Bacelar, 2014). Todo esse investimento na região nordestina, mesmo que de maneira indireta, possibilitou a construção de diversos grandes projetos na região, como hidrelétrica, plantas de energia eólica, refinarias, estaleiros, siderúrgicas, indústrias de celulose, indústria automotiva e petroquímica, entre outros.

Um grande exemplo de sucesso das políticas de “solidariedade regional” e de “coesão social” é o estado do Piauí, que apresentou de 2002 até 2016, um crescimento médio de 4% ao ano, crescimento este maior que o brasileiro, e até mesmo o nordestino, durante o mesmo período. Analisando de maneira mais aprofundada, o estado teve esse sucesso graças ao desempenho positivo de diversos fatores como o impacto das políticas de transferência de renda do Governo Federal e seu efeito catalisador sobre o mercado interno da economia piauiense, imprimindo-lhe maior dinamismo; os investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC no Estado, que impulsionaram a construção civil com reflexos positivos a montante e a jusante desses empreendimentos; e, por último, à política de regionalização implementada pelo Estado, que permitiu auferir o máximo de benefícios dos programas federais citados, mediante uma ação planejada, unindo governo, empresas e sociedade, na implementação de planos locais de desenvolvimento (Moedas; Da Silva; Barros, 2019).

Todos esses exemplos de como foram aplicadas essas políticas de “coesão social” e “solidariedade regional” no Nordeste, demonstram como a região nordestina terminou a primeira década do século XXI em alta, apresentando uma melhoria considerável em sua realidade socioeconômica (até mesmo conseguindo manter seus ótimos padrões no período da crise de 2008). Segundo dados do IBGE (2010), a região vislumbrou taxas de crescimento de 4,9% maior que a média nacional (4,4%) e que as do Sudeste (4,5%) e Sul (3,4%). Ainda de acordo com o IBGE, outra resultante desse padrão de crescimento foi sua capacidade de gerar empregos formais, tendo taxa anual de crescimento de 6,4%, enquanto a média nacional estava em 5,5%.

Outra mudança importante foi observada nas cidades médias do Nordeste, que passaram a crescer com mais intensidade, e uma das fontes de dinamismo dessas cidades, ao lado do crescimento do comércio e dos serviços, impulsionados pela elevação da renda das famílias do seu entorno, foi a expansão e interiorização do ensino superior (Bacelar, 2014). O aumento de universidades federais de 43 para 230, saindo de um padrão histórico concentrador nas regiões Sul, Sudeste e no litoral, e levando mais universidades para as cidades médias do país, especificamente nas cidades médias do Nordeste, possibilitou que mais jovens conseguissem ter acesso ao ensino superior, o que é muito importante, pois com pessoas capacitadas, a região passou a ter melhores condições de desenvolver diversas áreas e atividades mais modernas em seu território, gerando mais renda para seus estados. Nos 16 primeiros anos do século XXI, o Nordeste deu um salto maior que o das regiões do Centro-Sul, mais que quadruplicando o número de alunos matriculados em instituições de nível superior, passando de 15,35% do total de universitários matriculados no País, em 2000, para 21,16%, em 2016 (Carvalho, 2018). De acordo com dados do Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (SEMESP), em 2022, o Nordeste representava 21,1% da educação superior no país. Mesmo tratando-se de uma política nacional setorial, o aumento do número de campus, teve uma diretriz firme de enfrentamento

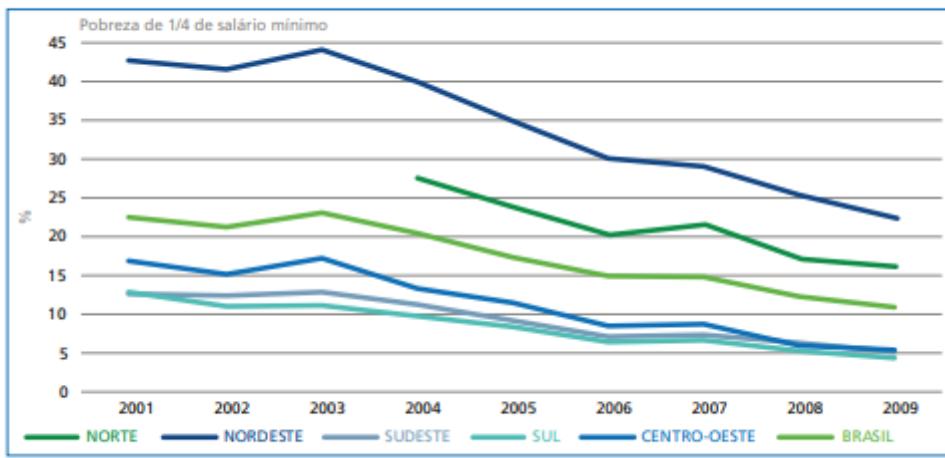
das diferenças regionais na oferta desse nível de ensino. Essa tendência à desconcentração e a interiorização das instituições de ensino superior, fez com que, as cidades médias, que abrigavam essas novas unidades de ensino, não somente tivessem um impacto imediato e significativo na vida cultural, mas também dinamizaram o comércio e os serviços locais.

No texto “Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas”, de Tânia Bacelar (2014), ela elenca alguns outros dados que demonstram o período vertiginoso que a região estava passando, como por exemplo, avanço da ovinocaprinocultura, o crescimento de lavouras permanentes em bases patronais, como a produção de uva e manga (Juazeiro-Petrolina), de melão irrigado (RN e CE), de milho (SE e BA), de banana e abacaxi irrigados e, em alguns casos, produzidos por multinacionais, no Vale do Açu (RN) e na Chapada do Apodi (CE), de café (BA), entre outros. Em paralelo, pequenos produtores se firmam em novas bases, como os produtores de mel (PI e CE), de flores (CE e PB), entre outros; avanço dos investimentos na indústria de transformação, que dinamizam o setor no Nordeste e definem um novo perfil da base industrial; vigor da construção civil, estimulada pela implantação dos investimentos industriais, pela implementação de importantes projetos de infraestrutura econômica e social e pelo dinamismo da atividade imobiliária nas cidades da região; o avanço da integração da porção oeste do Nordeste na moderna base produtora de grãos do país, sob o comando predominante de empreendedores de fora da região. Cícero Péricles de Oliveira Carvalho, em “Desenvolvimento da Região Nordeste nos Anos Pós-Sudene (2000-2016)”, abordando a seca, tido como talvez o principal problema da região nordestina e muito caracterizado no ideal da população brasileira, ideal esse moldado pela mídia (e que será tratado mais à frente nesse texto), apresenta um dos principais motivos, que mostram para ele, como a economia Nordestina melhorou:

Um claro sinal de que a região está passando por novos ares favoráveis, é que, mesmo passando por uma seca muito forte recentemente (secas que foram os principais causadores de atribulações na região nordestina), a região não presenciou o mesmo caos que viveu em períodos antigos. Isso pois, os diversos investimentos na região aliados a diversas políticas públicas, de infraestrutura e sociais, conseguiram desenvolver a região a ponto de que esse problema histórico não gerasse tantos problemas quanto antigamente, causando efeitos econômicos e sociais que, na era pós-SUDENE, foram amenizados ou mesmo extintos (Carvalho, 2018, p. 35).

A qualidade de vida aumentou, a economia nordestina melhorou e principalmente, a pobreza, característica tida como marcante no Nordeste, usada e difundida pela mídia como forma sensacionalista, usada pelos políticos locais , de maneira estratégica como forma de receber recursos para uso próprio, diminuiu de maneira considerável, como mostra o gráfico, baseado nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), elaborado por Tânia Bacelar de Araújo (2014), em seu texto “Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas”

GRÁFICO 4 Brasil: evolução da pobreza extrema por regiões, 2001-2009



Fonte: IBGE (2009).

De forma resumida, esses primeiros dez anos do novo milênio, foram marcados como a melhor década da região nordestina durante muito tempo, e isso se deu graças a combinação dos elementos instalados nos anos da articulação produtiva (infraestrutura, investimentos atraídos pelos incentivos da SUDENE etc.) mais a implementação das novas políticas de coesão social e solidariedade regional, as políticas de transferência de renda; as políticas do lado da oferta, entendidas como as políticas de crédito subsidiado e os investimentos das empresas estatais; e o ativismo econômico dos governos estaduais; resultado de uma combinação de avanços relacionados: à ampliação das exportações, sobretudo de commodities; ao crescimento do mercado consumidor interno, decorrente do aumento da geração de empregos formais, da política de valorização do salário mínimo e concessão de créditos e das políticas de transferências diretas de renda; e à retomada dos investimentos públicos e privados (Carvalho, 2018).

Porém, mesmo tendo uma década vertiginosa, não se tem como mudar em apenas dez anos toda estrutura e história socioeconômica da região. O Nordeste continuava sofrendo com alguns problemas, tanto economicamente, quanto socialmente, pois a região continuava sentindo as desigualdades regionais que marcaram a sua história e a história do país, apresentando dados crescentes e positivos, porém abaixo de quase todas as outras regiões. A desigualdade entre o litoral (urbano) e o interior (rural) dos seus estados ainda era muito grande e visível. Mesmo com avanços econômicos, a concentração econômica que beneficiou o Sudeste e o Sul no século XX, embora atenuada, ainda é uma marca muito forte no cenário do desenvolvimento regional brasileiro. Vale lembrar que o Nordeste respondia por 12,4% da economia do país em 2000 e, com todas as mudanças aqui destacadas, responde por 13,4% em 2010. Ou seja, em dez anos, ganhou apenas um ponto percentual (Bacelar, 2014), muito pouco para a região com a segunda maior população do país.

Apesar de termos um desenvolvimento regional no Nordeste, marcado por aumento do volume de transferências federais; melhoria da cobertura social, principalmente para os mais pobres; aumento do acesso ao mercado de trabalho e acesso à universidade para mais

nordestinos, principalmente os que moram mais distantes dos grandes centros, não é só de crescimento regional que vive a região, pois, ainda se via diversas permanências negativas, como a continuidade da manutenção das estruturas fundiárias, o peso do agronegócio na região que faz os nordestinos reféns das decisões de grandes empresas e a disparidade entre os dados da região em relação ao restante do país. Tânia Bacelar alega que:

Dentre as permanências, destacam-se a força da velha estrutura fundiária e o peso da ocupação rural, mesmo em meio a intenso processo de avanço da urbanização. A região mantém quase metade da População Economicamente Ativa (PEA) ocupada nas atividades agropecuárias do país, segundo o último Censo Agropecuário do IBGE, e é mantido o grande hiato entre os indicadores sociais nordestinos e os das regiões mais ricas do país, apesar dos avanços realizados. Um número é simbólico: o da taxa de analfabetismo das pessoas de dez anos ou mais; entre 2000 e 2010, ela caiu de 12,8 para 9,0 no Brasil e de 24,6 para 17,6 no Nordeste. A taxa do Nordeste rural, entretanto, ainda era de quase 30%, em 2010.(2014, p. 557).

Tendo em vista o que foi apresentado neste capítulo, vemos que o Nordeste terminou a primeira década do século XXI, com muitos avanços em diversas áreas, melhorias na realidade socioeconômica da região como um todo, e começando a segunda década deste século apresentando um futuro promissor. Mesmo com a continuidade de diversos problemas que necessitavam ser superados, alguns estruturais da realidade nordestina, a região passava por um momento de crescimento vertiginoso, e que aparecava não cessar. O Nordeste ainda sofre com vários problemas, que são estruturais a sua realidade, pois já ocorrem há séculos, porém nessa primeira década, muitas medidas e políticas ajudaram a atenuar alguns desses problemas. Cabe saber agora, se essas melhorias continuaram na década seguinte, se os problemas foram mitigados, e entender se de 2010 até 2022 a região continuou apresentando crescimento em seus indicadores. Aliás, cabe discutir se nessa segunda década, a região passou por um crescimento econômico ou/e um desenvolvimento econômico, e entender como a região Nordestina lidou com o que é tido como a pior década econômica do país em 120 anos, sabendo que a região, vista ao longo de várias décadas, evoluiu ou retrocedeu em paralelo com a economia do país, pois ela depende muito dos investimentos e políticas feitas pelo Estado.

Capítulo 2-Análise Socioeconômica do Nordeste de 2010-2022

Neste capítulo serão analisadas as características socioeconômicas da região Nordeste no período de 2010 até 2022, buscando entender as principais características econômicas e sociais da região, o que ocasionou elas e como elas se relacionam. Neste capítulo serão utilizados o texto “Evolução de indicadores sociais e econômicos nas capitais do nordeste brasileiro: uma análise comparativa de Fortaleza, no período de 2010-2020” de Álvaro Tavares de Menezes (2023) e o texto “Breve retrato econômico da região Nordeste” (FGV, 2023). O primeiro fornece muitas informações a respeito das principais características sociais que marcaram a região de 2010 até 2020, o segundo, produzido por economistas da Faculdade FGV (Faculdade Getúlio Vargas) fornece as principais características econômicas que marcaram a região Nordeste até 2020. A relação entre os dois auxiliará no entendimento de como economia e sociedade andam lado a lado, atrelando esses dois fatores aos conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento econômico, possibilitando compreender se durante esses 13 anos tivemos um crescimento econômico, um desenvolvimento econômico, ambos ou nenhum deles na região. Vale ressaltar também, que este capítulo estará embasado em dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e pelo Banco do Nordeste (BNB). Este capítulo será fundamental para entender como esses aspectos sociais e econômicos evoluíram ou recuaram durante esse tempo, analisando tanto as mudanças que ocorreram dentro desses hiato de 2010 a 2022, quanto entender como esses 13 anos se diferenciam ou se relacionam com o passado da região, mais especificamente compreender como foi dada sequência aos resultados positivos que região teve durante a primeira década do século XXI e se o que era negativo e estava estruturado na história da região foi devidamente combatido.

Falando sobre a economia brasileira na última década, especialistas afirmam que foi a pior década econômica do país em 120 anos, tendo um crescimento médio anual de apenas 0,3%, sendo pior até que a década de 80, conhecida como década perdida, na qual o país teve um crescimento de apenas 1,6% por ano. O país vivenciava bons índices de crescimento no começo da década de 2010, porém uma forte retração econômica seguida de anos de pouco crescimento e finalizando com um retração fortíssima gerada pelos impactos do coronavírus, fizeram com que o país acabasse perdendo o ritmo e alguns dos avanços que havia conquistado de 2000 até 2014 (os quais foram 14 ótimos primeiros anos do século XXI), e ficando com uma média de crescimento anual, que seria considerada baixíssima para qualquer país do mundo, principalmente para uma das principais economias do planeta que é o Brasil.

Nova década perdida

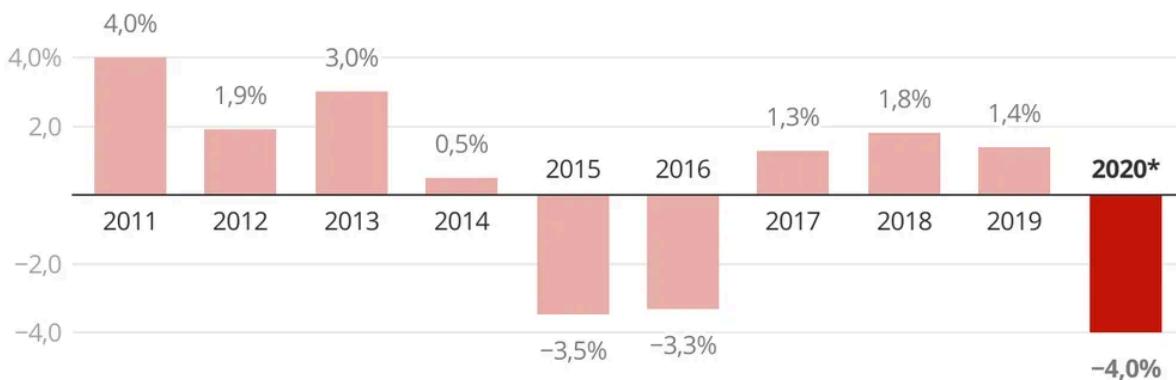
Variação anual média do PIB, em %



Fonte: Ibre-FGV, a partir de dados do Ipea, IBGE e Monitor do PIB da FGV

Evolução do PIB na década

Crescimento da economia em relação ao ano anterior



Fonte: IBGE

*Estimativa Monitor do PIB da FGV

Tendo isso em vista sobre como estava a economia brasileira, antes de apresentar os dados sobre o Nordeste, é necessário dar uma breve explicação sobre o contexto político que o país passou no intervalo de 2010 até 2022. O período foi marcado pelo mandato de presidentes que conduziram de maneira distinta e tinham ideologias diferentes a respeito das políticas aplicadas na economia brasileira. Isso acabou por impactar diretamente na região nordestina, que estava tendo seu crescimento atrelado a políticas públicas nacionais, as quais vinham facilitando muito os investimentos na região, auxiliando no seu enriquecimento. Além disso, o país, na segunda década do século XXI, sofreu com 3 grandes problemas, “Bad Luck” (falta de sorte tanto no contexto nacional quanto internacional); “Bad Policy” (má gestão dos governantes); e a

pandemia da Covid-19 que impactou a vida e a economia do Brasil e do mundo como um todo (Schymura, 2022).

De 2010 a 2022 o Brasil teve 4 presidentes, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro, sendo que os 4 tinham ideias diferentes de como conduzir a política brasileira, sendo que os dois primeiros tinham uma orientação ideológica segundo a qual o Estado deveria ter maior controle sobre a economia, e os dois últimos, prezavam pelo menor participação do Estado na economia, segundo os princípios neoliberais. Isso gera consequências no Nordeste, pois a região cresceu graças à maior presença do Estado na economia, quando este produzia leis de fomento à economia, principalmente em regiões mais pobres, por meio da construção de infraestruturas que atraiam capital público e privado, as políticas de solidariedade e de coesão social. Conforme afirmam Italo do Nascimento Mendonça, Otávio Junio Faria Neves e Carolina Rocha Batista:

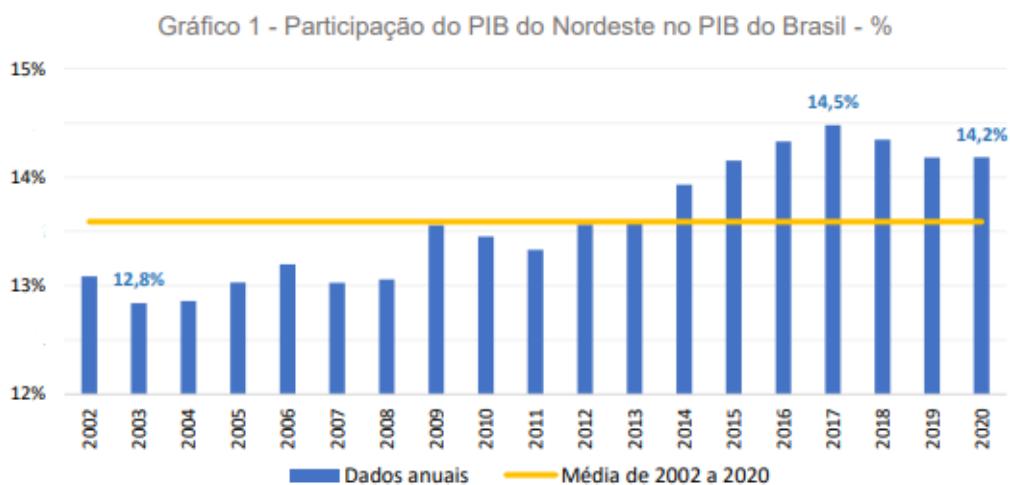
Enquanto no governo Lula (2003-2010) seguiu-se em dois mandatos diretrizes em prol da distribuição de renda, investimentos públicos e acesso a créditos, no governo Dilma houve mudanças importantes que geraram impactos relevantes sobre tais diretrizes como, por exemplo, as desonerações e subsídios ao setor privado e corte nos investimentos que iniciaram um caminho rumo à austeridade. Michel Temer, por sua vez, após assumir a presidência, aprofunda tais mudanças e, por fim, eleito o atual presidente Bolsonaro, a agenda econômica passa a ser ainda mais oposta aos objetivos iniciados durante os anos do governo Lula (2023, p. 77).

Essa mudança drástica na maneira de conduzir o país, em tão pouco tempo, pode afetar de maneira muito negativa não só a região Nordeste, como também o país como um todo, pois cortou a continuidade de diversos projetos que já estavam em andamento no país e que a longo prazo poderiam ser muito mais benéficos. Isso pode ser atrelado ao conceito de “Bad Policy”. Esse conceito está ligado a má gestão e decisões ruins tomadas pelos governantes. No caso brasileiro, na segunda metade do século XXI, podemos citar como bad policy os 11 trimestres seguidos de recessão no meio da década; as políticas ruins cometidas até 2014 somadas com o mix de política econômica adotado de 2016 em diante (Alvarenga, 2021); a política fiscal e a monetária pós-2016 pecou por ser demasiadamente restritivas em um ambiente de elevada ociosidade de fatores na economia, apostando que a recuperação da confiança com a mudança de regime fiscal e as reformas atuaria como forte estímulo à demanda no curto prazo (Schymura, 2022); a composição do ajuste fiscal introduzido com o teto de gastos a partir de 2017, que acabou levando o investimento público federal a quase zero (Schymura, 2022); além de diversos escândalos de corrupção, o impeachment da presidente Dilma e a prisão do ex-presidente Lula, que acabaram gerando incertezas em outros países em investir no Brasil, situação que prejudicou muito a economia brasileira e que acabou por aumentar a inflação do país. Somado a bad policy temos a “Bad Luck”, termo que está ligado aos acontecimentos que ocorrem no panorama global e que geram impactos no mundo todo, os quais, no caso brasileiro estão ligados a choques globais (preços de commodities, ciclo econômico mundial e variáveis financeiras internacionais) e a carência de chuvas local. Alguns choques globais que podemos

citar são, choques nos preços internacionais de commodities, choques no PIB e comércio globais; a Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) em 2014, de maneira semelhante ao que é conhecido como cartel, buscou criar dificuldades para outros produtores, e com isso, a organização acabou por derrubar o preço do petróleo, evento que ocasionou um recuo fortíssimo em novos investimentos em extração e processamento da indústria petrolífera ao redor do mundo, impactando negativamente o Brasil, que com a descoberta do pré-sal e a expectativa aliada a políticas e investimentos fortes para o Brasil se tornar um exportador líquido relevante de petróleo e derivados, viu a queda do preço do Barril atingir a Petrobras em meio a um enorme programa de investimentos, exacerbando o risco fiscal, já que o governo federal é o principal sócio da empresa. (Schymura, 2022). Aliados a esses problemas ao redor do mundo, tivemos problemas climáticos, como a diminuição do volume de chuvas que impacta diretamente na economia brasileira que depende muito da água no seu fortíssimo agronegócio e também porque a matriz elétrica brasileira é altamente dependente da hidreletricidade (Schymura, 2022).

Danilo Arruda (2018, p. 89) alega que, “a década de 2010 se inicia com a necessidade de se definir uma “estratégia política consistente, deliberada e articulada, partindo de um diagnóstico sistêmico e que tenha como horizonte a efetiva transformação estrutural da região”. Porém, o contexto nacional nessa época estava muito conturbado e passou por adversidades que acabaram respingando na economia e na vida das pessoas de todas as regiões, principalmente das mais pobres e frágeis, como o Nordeste, que são extremamente dependentes de políticas públicas e que tem forte conexão com a economia nacional. Vale agora entender como o Nordeste respondeu a esses problemas durante o período e quais foram os dados socioeconômicos que ele apresentou.

Na segunda década do século XXI, de maneira semelhante ao que foi realizado na primeira década deste século, as políticas de solidariedade regional e coesão social continuaram sendo o carro chefe no processo de crescimento econômico da região Nordeste, impactando de maneira muito positiva no PIB da região. Mesmo com os problemas nacionais e as mudanças drásticas na forma pela qual os presidentes eleitos geriam as políticas públicas, o Nordeste continuou apresentando bons dados a respeito de sua economia. O Nordeste é a terceira região com maior PIB do país. Traçando uma média, ano a ano, das duas primeiras décadas, a respeito da porcentagem de participação do Nordeste na economia brasileira, vemos que, em média, o Nordeste representou, por ano, 13,6% do PIB brasileiro de 2002 até 2020. Mesmo com os problemas e instabilidades que o país passou e que acabou por influenciar na economia de todas as regiões, vemos que a participação do Nordeste no PIB brasileiro foi igual ou acima dos 13,6% em quase todos os anos da segunda década. Buscando fazer uma análise contínua de uma década para outra, conseguimos visualizar como, a longo prazo, essas políticas de solidariedade regional e coesão social trouxeram enormes benefícios para a região, que apresentou dados econômicos melhores na segunda década (mesmo apresentando anos mais ou menos próspertos) e acima da média traçada no século, como é possível observar no gráfico abaixo, elaborado por Juliana Trece e Claudio Considera (2023, p. 4).



Fonte: IBGE – Sistema de Contas Regionais. Elaboração dos autores.

As políticas de solidariedade regional e coesão social ajudaram a desenvolver no Nordeste maior infraestrutura, maior poder de compra da população, atraiu empresas privadas e públicas, disponibilizou maiores quantidades de crédito, ou seja, acabou por gerar uma nova realidade econômica na região (Bacelar, 2014). Porém, se propor falar sobre a economia da região, e somente discorrer que essas políticas públicas aperfeiçoaram a economia da região é algo muito raso. Sabendo dessa melhora dos indicadores econômicos da região, é necessário dialogar como os setores da economia que foram impactados e mostrar a participação desses setores na economia nordestina e como essas atividades econômicas influenciaram nessa melhora que teve a região entre 2010 e 2022.

De acordo com Juliana Trece e Claudio Considera (2023), a composição do valor adicionado total por atividades dos estados da região Nordeste, na média de 2002 a 2020, seria de 7,2% para a agropecuária, 20,4% para a indústria e 72,4% para o setor de serviços. Sendo que tanto o setor de serviços quanto a agricultura tiveram uma porcentagem maior do que a média nacional no mesmo período, 70,5% e 5,4% respectivamente. Pelos dados apresentados por esses autores, vemos que no intervalo de 2002 até 2020, a participação da agropecuária diminuiu, enquanto a indústria e o setor de serviços aumentaram, e isso pode ser justificado por alguns fatores. Um deles é o de que a região Nordeste, por ser uma região mais pobre, sempre foi tratada pelo governo como uma região com enfoque agroexportador e de atividades mais simples, pois mesmo com investimentos da era de auge da Sudene, no século XX por exemplo, a agropecuária seguia sendo o carro chefe da região. Porém, com a chegada mais elevada de crédito graças às políticas de solidariedade regional, a ampliação do poder de compra da população pelas políticas de coesão social e a criação de infraestruturas que atraíram empresas privadas e públicas, possibilitou que esse padrão agroexportador nordestino fosse alterado, atraindo diversas outras empresas do setor de serviços para a região, e com novas infraestruturas e condições financeiras favoráveis, atraiu diversos tipos de indústrias para desenvolver suas atividades na região. Trazendo uma análise mais aprofundada sobre a diminuição das atividades da agroindústria no valor adicionado por atividades da Região Nordeste, de acordo com Tania Bacelar:

O desmonte do velho tripé do semiárido: o complexo gado-algodão-policultura, no qual o algodão praticamente desapareceu. E isso está promovendo alterações importantes, como o avanço da ovinocaprinocultura, o crescimento de lavouras permanentes em bases patronais, como a produção de uva e manga (Juazeiro-Petrolina), de melão irrigado (RN e CE), de milho (SE e BA), de banana e abacaxi irrigados e, em alguns casos, produzidos por multinacionais, no Vale do Açu (RN) e na Chapada do Apodi (CE), de café (BA), entre outros. Em paralelo, pequenos produtores se firmam em novas bases, como os produtores de mel (PI e CE), de flores (CE e PB), entre outros. Além da redução do peso relativo do complexo sucroalcooleiro, que declina sua importância na região e no contexto nacional. Com o avanço do uso da cana-de-açúcar para produção de etanol, desde meados da década de 1970 do século passado, o Sudeste e o Centro-Oeste assumem a liderança dessa atividade. E o Nordeste, com um parque fabril antigo e uma base agrícola menos competitiva, vai perdendo espaço nessa atividade (2014, p. 555).

Apesar da porcentagem do setor industrial ser menor no Nordeste do que no Brasil, esse setor vem crescendo nos últimos anos na região. O que motiva esse setor ter números menores no Nordeste do que no Brasil é graças a indústria de transformação, a qual tem grande peso na economia brasileira, porém um peso menor na economia nordestina. No entanto, esse setor vem recebendo muitos investimentos, o que ajuda a explicar a melhora da economia nordestina. Ainda, de acordo com Tânia Bacelar:

.O avanço dos investimentos na indústria de transformação, que dinamizam o setor no Nordeste e definem um novo perfil da base industrial: novos segmentos se fazem presentes em vários estados. Com isso, a região aumenta seu peso na produção industrial do país nos anos recentes (2014, p. 556).

Ainda falando de indústria, apesar de uma diminuição forte na participação das indústrias extractivas na região, houve um aumento expressivo na participação das indústrias de eletricidade, gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, e uma participação positiva das indústrias de construção, estimulada pela implantação dos investimentos industriais, pela implementação de importantes projetos de infraestrutura econômica e social e pelo dinamismo da atividade imobiliária nas cidades da região (Bacelar, 2014).

Sobre o setor de serviços, vemos que esse setor e as atividades econômicas atreladas a ele são os que mais cresceram no Nordeste e que tem uma porcentagem maior na composição do valor adicionado nas atividades da região. Das dez atividades que compõem esse setor, sete tiveram crescimento nos últimos anos, somente comércio; transporte, armazenagem e correio; informação e comunicação, tiveram uma redução na participação da economia nordestina, porém com médias muito semelhantes à brasileira (Menezes, 2023).

De maneira resumida, quase todas as atividades econômicas aumentaram seus números na região nordestina. Isso é consequência dos bons resultados que as políticas públicas tiveram na

região, possibilitando que novas atividades pudessem florescer, atraindo cada vez mais o interesse de empresas para se fixarem nos seus estados. Essas políticas geraram uma leve desconcentração das atividades econômicas no país, mudando de certa forma a divisão territorial do trabalho, beneficiando bastante o Nordeste.

Tabela 2 – Diferença da participação do Valor Adicionado por atividades da Região Nordeste e seus estados entre 2002 e 2020 – em p.p.

Atividades Econômicas	Nordeste	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA
Valor Adicionado total	0,9	0,3	0,3	0,2	0,0	0,1	0,0	0,0	-0,1	0,1
Agropecuária	-1,5	0,4	0,8	-0,1	0,0	-0,3	-0,3	-0,1	-0,1	-1,7
Indústria	0,5	0,4	0,2	0,0	-0,3	0,0	0,2	-0,1	-0,3	0,5
Indústrias extractivas	-8,9	1,0	-0,1	-0,6	-4,4	-0,1	0,0	-0,5	-1,3	-2,8
Indústrias de Transformação	1,5	0,1	-0,1	-0,3	0,0	-0,1	0,9	-0,2	-0,2	1,4
Elétric., gás, água, esgoto, gestão de resíduos e descontam.	7,2	1,8	1,0	1,9	0,9	0,2	1,4	-0,1	-0,5	0,6
Construção	0,0	0,1	0,7	0,4	-0,2	0,5	-1,5	0,2	-0,1	-0,1
Serviços	1,2	0,2	0,2	0,3	0,1	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1
Comércio	-0,3	-0,3	0,3	-0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	-0,1	-0,6
Transporte, armazenagem e correio	-0,4	0,1	0,0	-0,2	-0,3	-0,1	0,1	0,1	-0,1	0,1
Alojamento e alimentação	4,6	0,8	0,8	1,2	0,8	0,5	0,0	0,8	0,3	-0,6
Informação e comunicação	-2,8	-0,2	0,0	-0,1	-0,1	-0,1	-1,0	-0,1	-0,1	-1,0
Ativ. financ., de seguros e serv. relac.	0,9	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	-0,1	0,1	0,1	0,1
Atividades Imobiliárias	0,8	0,0	0,1	0,6	-0,1	-0,1	0,2	0,0	-0,1	0,1
Ativ. profis., cient. e técn., admin. e serv. compl.	1,7	0,1	0,2	0,6	0,4	0,0	-0,1	0,2	0,0	0,4
Adm., defesa, educ. e saúde púb. e segur. Social	2,3	0,7	0,4	0,3	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,4
Educação e saúde privadas	0,8	0,1	0,0	0,7	-0,1	0,1	0,3	-0,3	-0,5	0,4
Outras atividades de serviços	2,1	0,5	0,2	0,5	0,1	0,4	-0,3	0,2	0,1	0,4

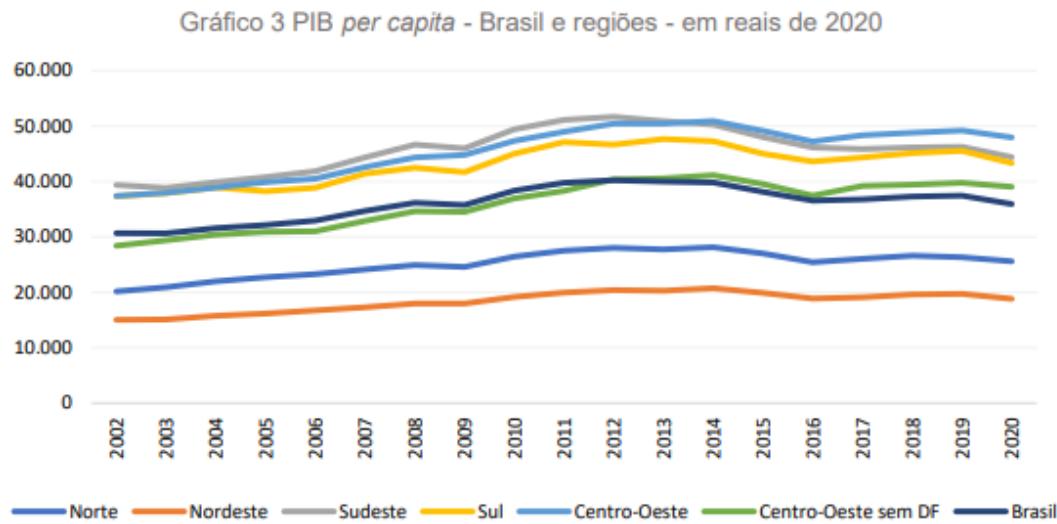
Fonte: IBGE – Sistema de Contas Regionais. Elaboração dos autores.

Na tabela acima, elaborada por Juliana Trece e Claudio Considera (2023, p.8), vemos que em quase 20 anos, a influência da agropecuária caiu na região, enquanto o setor de serviços e a atividade industrial aumentou. Isso deixa claro que com o desenvolvimento do Nordeste em um lugar atrativo para as empresas, houve maior investimento em atividades que trazem melhor qualidade de vida para a população, como “administração, defesa, educação e saúde públicas e segurança social”, e em atividades de peso econômico no Brasil, como a indústria de transformação e o setor de serviços como um todo.

Essa melhora nas atividades econômicas impactou de maneira decisiva as exportações e importações nordestinas, aumentando-as, mesmo que não fugindo do padrão brasileiro de exportar commodities e importar produtos mais modernizados. O principal padrão nordestino é de importar e exportar muitos bens de consumo intermediário, exportar mais bens de consumo final e importar mais bens de capital. Os principais produtos importados são derivados de petróleo e gás, diversos produtos agrícolas, produtos da indústria de transformação, produtos geradores de energia e carvão mineral. O fato de esses produtos serem os mais importados, mostram os esforços de trazer mais produtos modernos que reforcem a indústria da região, principalmente a indústria de transformação (que é um dos carros chefes do país) e a indústria petrolífera que vem crescendo no Nordeste nos últimos anos. Já os produtos mais exportados são, produtos agrícolas (principalmente soja e derivados, milho, celulose), combustíveis, alumínio e diversos produtos siderúrgicos. Cabe destacar que pelo avanço que a economia do

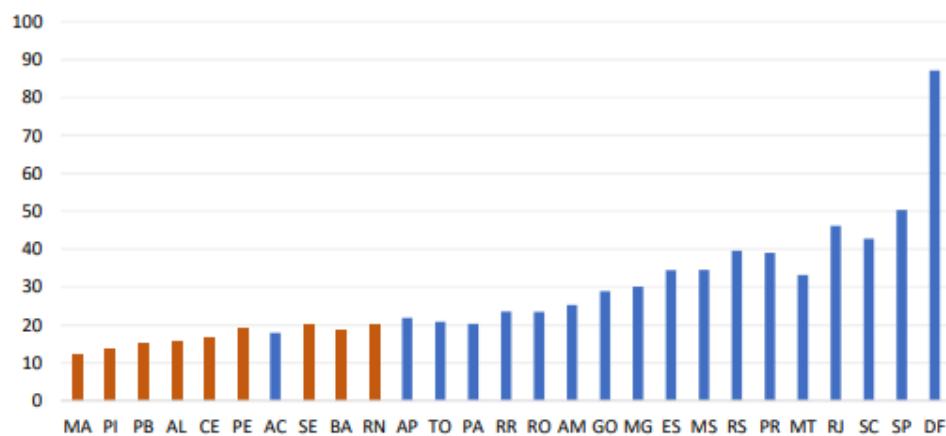
Nordeste vem tendo, e as mudanças que a região teve ao longo do tempo, de sair de uma região que tinha sua matriz ligada ao sistema agropecuário ou a produtos de menor valor agregado, para uma matriz mais diversificada e modernizada, vemos estados como o Ceará. Esse estado tinha sua pauta de exportações basicamente formada por calçados em geral, e a partir de 2020 surgem os produtos siderúrgicos como principal produto de exportação representando quase 20% de sua pauta. Pernambuco, por sua vez, tem hoje como principais produtos de exportação o óleo combustível e os automóveis, substituindo açúcar refinado e outros produtos da lavoura, anteriormente os mais importantes da sua pauta (Trece, Considera, 2023).

Porém, a região Nordeste ainda sofre com diversos tipos de desigualdades, mesmo tendo melhorado muito ao longo dos anos. Mesmo tendo, de 2010 até 2022 um participação no PIB brasileiro maior que na primeira década do século; mesmo tendo um crescimento maior do PIB de 2002 até 2020 maior que o PIB brasileiro (2,2% ano do PIB nordestino contra os 2% ao ano do PIB brasileiro) (Trece, Considera, 2023); e mesmo sendo a terceira região mais rica do país, o nordeste sofre com muitas desigualdades intrar-regionais, inter-regionais e sociais. Como desigualdades intrar-regionais, podemos citar o fato de que apenas 3 estados, Bahia, Ceará e Pernambuco, dos 9 que fazem parte do Nordeste, compõem 62,8% do PIB da região. Isso demonstra a enorme concentração de capital que existem em menos da metade dos estados da região, além da desigualdade de investimentos que esses estados recebem e que impacta diretamente na distribuição territorial do trabalho na própria região, deixando claro o enorme desnível produtivo que existe dentro na região. Para visualizar a desigualdade inter-regional, não deve-se analisar somente o PIB, mas sim o PIB per capita, pois mesmo tendo um PIB mais elevado na última década, o nordeste é a região com a segunda maior população, e esse dinheiro, por habitante, não se mostra bem distribuído. Isso pois, todos os Estados do Nordeste estão presente entre os 10 piores PIB per capita do Brasil, mesmo estando também entre os PIB per capita que mais cresceram nos últimos anos (a grande maioria até mesmo acima da média nacional), não foi o suficiente para tirar a região da estatística de pior PIB per capita de todas as regiões do país. Demonstrando de novo como, mesmo com melhorias, o Nordeste ainda sofre com as desigualdades de investimentos, desigualdades financeiras, e tem sua distribuição territorial do trabalho ainda influenciada por outras regiões mais ricas, como Sul e Sudeste.



Fonte: IBGE – Sistema de Contas Regionais. Elaboração dos autores.

Gráfico 4 - PIB *per capita* por estados - Média de 2002 a 2020 - em mil reais de 2020



Fonte: IBGE – Sistema de Contas Regionais. Elaboração dos autores.

Antes de falar sobre desigualdades sociais que estão presentes na região, é necessário fazer uma análise de seus indicadores sociais. Álvaro Tavares de Menezes afirma que “O aumento da pobreza tem sido um problema que atinge grande parte do Nordeste, em que se apresentam diversas áreas com um nível considerável de exclusão e problemas estruturais, identificados na grande maioria dos estados nordestinos” (2023, p. 13), situação intrigante, pois contrasta com os aumentos econômicos vistos na região. Em seu texto “Evolução de indicadores sociais e econômicos nas capitais do nordeste brasileiro: uma análise comparativa de fortaleza, no período de 2010-2020”, Menezes apresenta diversos dados referentes a necessidades básicas que têm os nordestinos, ajudando a revelar as deficiências estruturais e a medir a qualidade de vida no Nordeste, e que auxiliarão na análise que será feita sobre a condição de vida na região.

A melhor forma de analisar como tem sido a vida da população nordestina na segunda década do século XXI é fazer uma análise baseada na soma dos indicadores que fazem parte do

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais fatores limitantes ao desenvolvimento do país (Menezes, 2023). O IDH, índice criado em 1990 pelo Organização das Nações Unidas, buscando aferir o desenvolvimento humano, tem como indicadores fatores ligados àquilo que é considerado como riqueza para o homem, mas não apenas a riqueza material, sendo também considerada a necessidade da educação (taxa de adultos alfabetizados e percentual de matrículas nas escolas dos diferentes níveis), longevidade (esperança de vida ao nascer), e da renda (renda média) (Menezes, 2023). Em relação aos fatores limitantes ao desenvolvimento de um país tem-se, a degradação dos recursos naturais, a concentração fundiária e secas, por exemplo. Estes fatores limitantes, para Álvaro Tavares de Menezes:

São agentes desestabilizadores da vida rural, motivadores da emigração desordenada. A qual acarreta inchaço nas cidades e consequentemente elevado conglomerado populacional com baixo nível de renda, tornando necessário investimentos públicos em educação, saúde, saneamento e habitação. (2023, p. 17)

Antes de falar sobre o IDH dos estados do Nordeste, primeiramente devemos apresentar o que esse índice representa. O IDH é um índice formado pelas dimensões educação, saúde e renda: é um indicador estatístico que foi criado pelas Nações Unidas para avaliar o desenvolvimento humano e o bem-estar das populações, sendo estipulado em faixas, que norteiam a situação de desenvolvimento, que variam de 0 a 1, conforme demonstrado a seguir: o IDH é considerado baixo, quando o índice for menor que 0,500; o IDH é médio quando estiver entre 0,500 e 0,799; o IDH é alto, quando estiver entre 0,800 e 0,899; e o IDH é muito alto quando se encontra igual ou acima de 0,900, conforme definido pelo Programa das Nações Unidas (PNUD).

Estados	IDHM 2010	IDHM 2016	IDHM 2017	IDHM 2018	IDHM 2019	IDHM 2020	IDHM 2021
Ceará	0,682	0,722	0,73	0,739	0,744	0,755	0,734
Pernambuco	0,673	0,724	0,722	0,735	0,74	0,739	0,719
Bahia	0,66	0,705	0,71	0,71	0,718	0,724	0,691
Maranhão	0,639	0,68	0,685	0,686	0,694	0,699	0,676
Alagoas	0,631	0,68	0,679	0,689	0,687	0,694	0,684
Sergipe	0,665	0,697	0,699	0,71	0,705	0,722	0,702
Piauí	0,646	0,685	0,694	0,699	0,706	0,708	0,69
Rio Grande do Norte	0,684	0,732	0,728	0,739	0,742	0,75	0,728
Paraíba	0,658	0,704	0,717	0,711	0,713	0,714	0,698

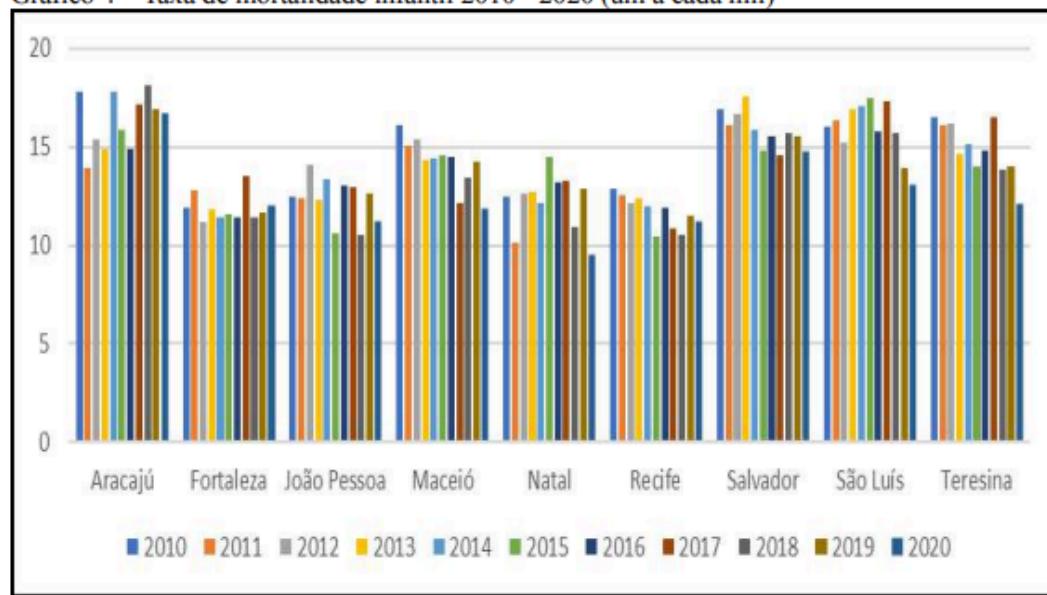
Elaborado por Guilherme Geraldes Rosa a partir de dados fornecidos pelo Atlas Brasil, 2024.

Analisando os dados do IDHM dos estados Nordestinos, no intervalo de 2010 até 2021, vemos que todos eles tiveram um aumento positivo em seus valores, ou seja, durante esse tempo é certo afirmar que os dados referentes à educação, saúde e renda melhoraram como um todo, mesmo os números de 2021 sendo mais baixos que dos anos anteriores, graças aos problemas que o coronavírus gerou para a sociedade, vemos que eles são maiores que os

números em 2010, no início da década. Isso é claramente um resultado das políticas públicas de solidariedade fiscal e coesão social, que possibilitaram que vários investimentos pudessem ser realizados em diversos âmbitos da sociedade nordestina e ajuda a perceber que com a melhora da economia nordestina, tivemos uma melhora em alguns âmbitos da sociedade nordestina, pelo menos, nos principais.

Porém alguns outros dados revelam que essa melhoria no IDH não dá um panorama geral sobre como o Nordeste avançou socialmente na última década, pois vários outros dados revelam problemas que seguem prejudicando a população, e que seus prejuízos foram sentidos principalmente durante a pandemia

Gráfico 4 – Taxa de mortalidade infantil 2010 - 2020 (um a cada mil)



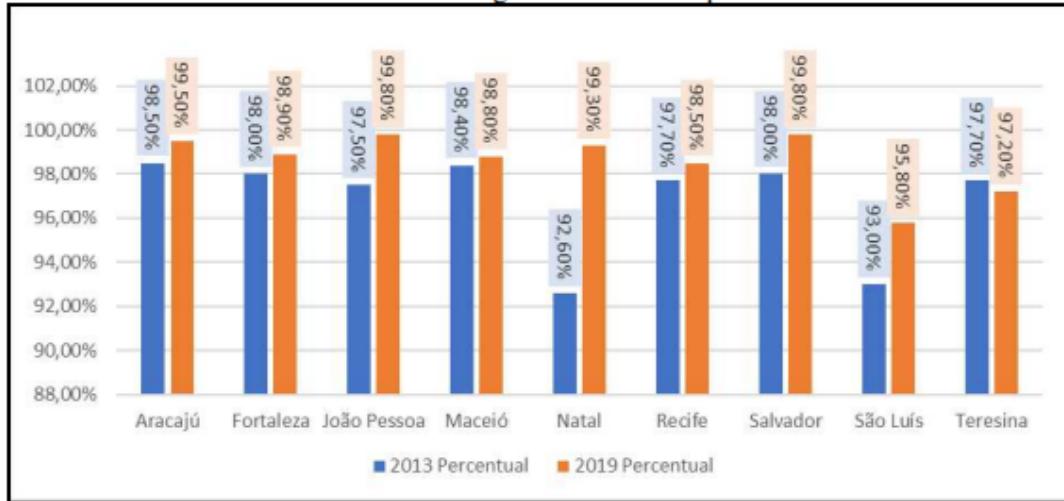
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE

A taxa de mortalidade infantil é um dos dados que diz muito sobre a sociedade nordestina, pois são vários os fatores que impactam na morte prematura de uma criança ou que impactam para que uma criança possa nascer e crescer com qualidade de vida. Sobre os dados presentes nesse gráfico, elaborados por Álvaro Tavares de Menezes (2023, p. 44) , e de acordo com ele, “Embora tenham havido avanços em alguns locais, ainda existem capitais onde a infraestrutura de saúde não é suficiente para garantir um padrão adequado de atendimento e, consequentemente, a expectativa de vida é menor.”. Essa fala aliada aos dados demonstra algo muito preocupante, pois se as capitais, áreas mais ricas e com mais investimentos dos estados, ainda apresentam números ruins em relação a mortalidade infantil, a situação no interior desses estados pode ser ainda pior, mostrando que muito ainda precisa ser feito para melhorar a vida da população nordestina como um todo.

O Nordeste apresenta ainda outros dados negativos quanto ao saneamento básico e quanto à coleta de lixo, os quais, teoricamente não deveriam existir pois estamos falando do terceiro maior PIB do Brasil. Porém essas deficiências existem e ajudam a explicar por que a região foi

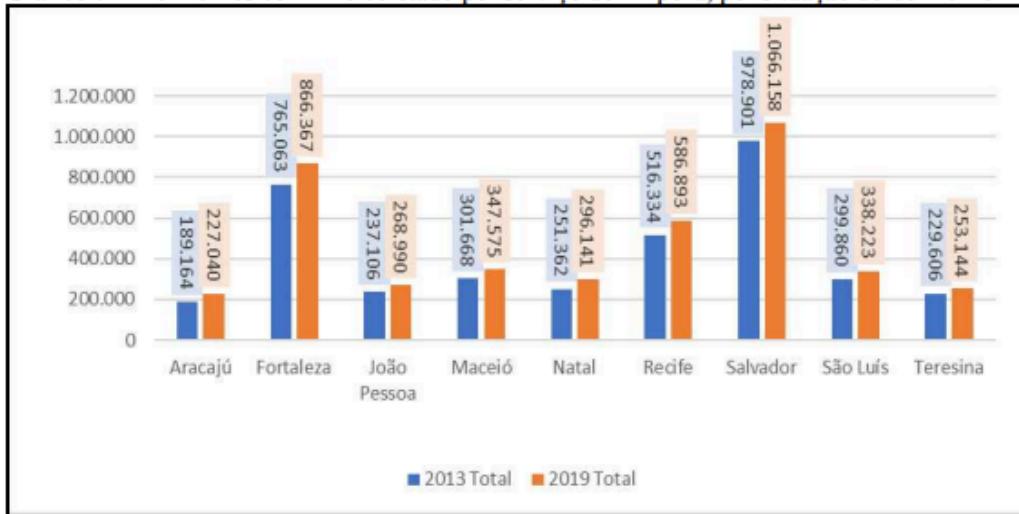
a que teve o maior número de mortos durante a pandemia.

Gráfico 5 – Percentual de domicílios com água canalizada em pelo menos um cômodo



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE

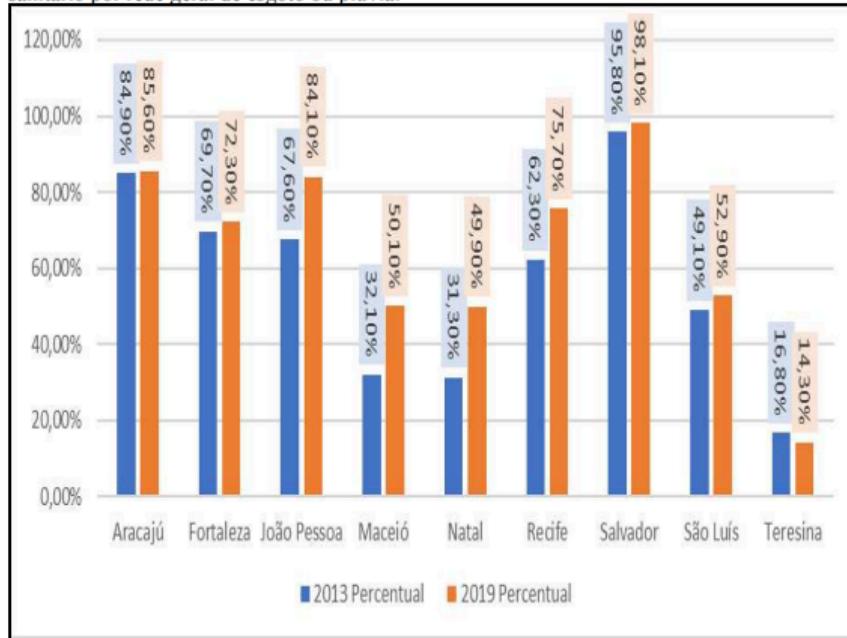
Gráfico 7 – Domicílios com lixo coletado por serviço de limpeza, por situação do domicílio



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE

Esses dois gráficos, elaborados por Álvaro Tavares de Menezes (2023, p 31-34), ajudam a analisar a qualidade do saneamento básico no Nordeste. O primeiro gráfico demonstra que mesmo com ótimos resultados quanto ao número de domicílios com água canalizada, em 6 anos, poucos foram os avanços, mostrando uma certa estagnação nas capitais. Capitais estas que, de novo, são as principais cidades dos respectivos estados, logo deveriam apresentar 100% dos domicílios com água canalizada, fazendo pensar que o interior do Nordeste, o qual começou a receber incentivos governamentais muito mais recentemente do que as capitais, possam apresentar números bem inferiores a estes. Já o segundo gráfico, que aborda domicílios com lixo coletado por serviços de limpeza, acaba reforçando o que foi dito anteriormente, poucas mudanças foram tomadas nesse intervalo de 6 anos, intervalo este que reflete muito o panorama nordestino na segunda década, muitas melhorias econômicas, melhorias em alguns âmbitos sociais, mas alguns setores ainda demonstram o atraso da região.

Gráfico 6 – Percentual de domicílios com existência de banheiro ou sanitário e esgotamento sanitário por rede geral de esgoto ou pluvial



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE

No gráfico 6, também elaborado por Álvaro Tavares de Menezes (2023, p. 33), sobre o percentual de domicílios com existência de banheiro ou sanitário e esgotamento sanitário por rede geral de esgoto ou pluvial, vemos que o Nordeste ainda é muito deficiente neste quesito, apresentando pouca variação de 2013 para 2019; algumas capitais apresentando número baixíssimos; e até mesmo uma diminuição nos valores como em Teresina, capital do Piauí.

Analizando os gráficos 4, 5 e 6, fica nítido que a região ainda precisa melhorar muito em relação ao seu saneamento básico e sua coleta de lixo. Não ter um saneamento básico de maior qualidade prejudica muito no setor da saúde, pois possibilita que doenças se espalhem com maior facilidade, isso pode fornecer uma pista do porquê de a Covid-19 ter se alastrado tão fortemente na região. Tais indicadores deixam em aberto a dúvida: A melhora nos indicadores econômicos nordestinos é benéfica para todos ou somente para os mais ricos que estão investindo na região?

Essa pergunta se faz mais intrigante quando analisamos gráficos que contam um pouco mais sobre como a população nordestina lidou diretamente com o crescimento econômico que a região teve, principalmente ligado a inserção de seus habitantes no mercado de trabalho e em relação a média salarial. Observando o Gráfico 9, elaborados por Álvaro Tavares de Menezes (2023, p. 36), e analisando apenas as cidades mais ricas do Nordeste, de 2011 até 2015, Menezes concluiu que a média salarial de quase metade da população, em torno de 40%, ganha no máximo até 2 salários mínimos, valor considerado como de baixa renda ou vulnerabilidade socioeconômica (Menezes, 2023). Em 2017, o salário médio no Nordeste era de 2.460 reais (Jornal Nexo, 2020), valor pouco maior que dois salários mínimos, semelhante a 2022, período que o salário médio do Nordestino, também pouco acima de dois salários mínimos, era de 2.809 reais (G1, 2024). Esses valores baixos mostram que o crescimento econômico não

necessariamente chegou no dia a dia da população, em termos mais populares, não afetou no “bolso” da população (*ibid*).

Já analisando esses valores do começo da década e comparando com o rendimento médio mensal do nordestino em 2022, de 1812 reais (dado fornecido pela infoNordeste), salário que continua na faixa de 1 a 2 salários mínimos, mostra que a longo prazo, não foi alterado o panorama de que a população nordestina ganha pouco, ou seja, o crescimento econômico da região não necessariamente gerou um crescimento econômico no dia a dia da sua população.. Mesmo com as medidas de coesão social, auxiliando na ampliação do poder de compra da população, com os salários continuando baixos, muitas vezes o nordestino só tem seu dinheiro para sobreviver, deixando de viver aquilo que deseja ou realizar um sonho.

Para além disso, quando observamos o Gráfico 10, também de Álvaro Tavares de Menezes (2023, p.38), que apresenta a evolução do número de empresas e pessoal ocupado no Nordeste, de 2010 a 2020, vemos que na maioria das capitais, o número de empresas aumentou bastante, o que não foi acompanhado pelo número de pessoal ocupado, já que este aumentou muito pouco ou até mesmo apresentou retração.

Em se considerando as taxas de desemprego, entre 2004-2015 o emprego formal na região estava acima da média do território brasileiro, porém, no fim de 2014 a taxa de desemprego começou a ter uma trajetória de crescimento, convertendo as situações de elevação do nível de emprego e de redução do desemprego. Desta maneira, os resultados das taxas analisadas nos trimestres de 2019 e 2020 demonstram que a taxa de desemprego na região está aumentando e a ocupação e participação da força de trabalho no mercado de trabalho nordestino tem se atenuado. Tais resultados já eram esperados, em função do cenário econômico que o país está enfrentando, tanto por questões econômicas como por aspectos políticos (Mendonça; Neves; Batista, 2023).

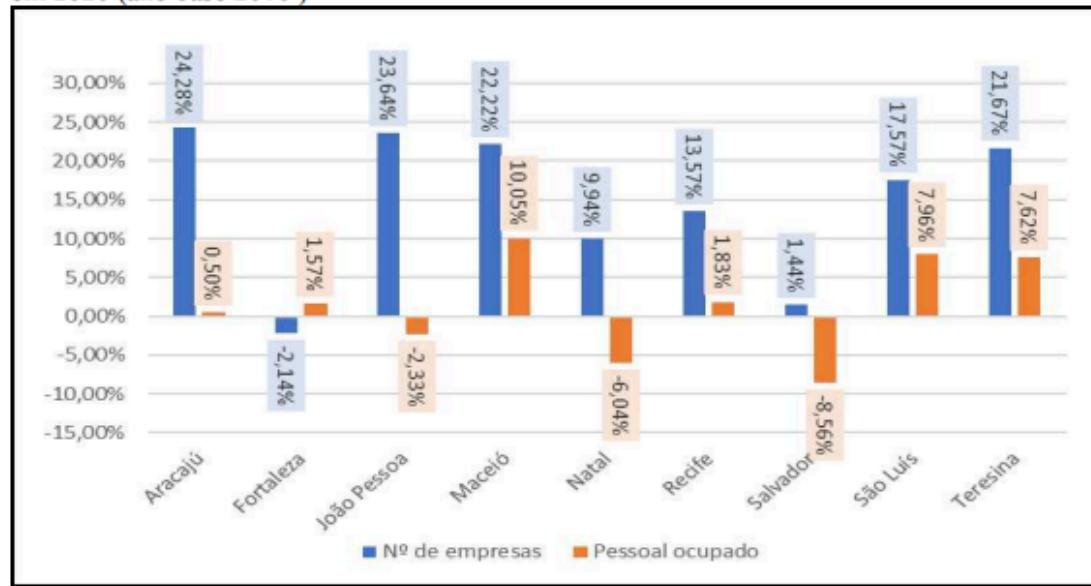
Isso passa a mensagem de que o crescimento econômico nordestino, o aumento na instalação de empresas públicas e privadas na região, o desenvolvimento de novas infraestruturas, parece somente ter o intuito de enriquecer aqueles que já são ricos, já que o resultado para a grande maioria da população é muito pequeno. Uma hipótese é a de que essas empresas utilizam muita mecanização na produção, retirando a necessidade em雇用 mais pessoas. Caso isso se confirme, mostra de maneira clara, como o crescimento econômico nordestino é voltado, de fato, para os mais ricos.

Gráfico 9 – Valor percentual do rendimento médio mensal domiciliar – até 2 salários mínimos



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE

Gráfico 10 – Evolução percentual de empresas e de pessoal ocupado nas capitais do Nordeste em 2020 (ano base 2010)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE

De acordo com o que foi apresentado até aqui, de todas as melhorias que a região passou, de todas as desigualdades e problemas que ela também passou de 2010 até 2022, e claro, tendo uma noção da passagem de uma década para outra, cabe discutir: a região Nordeste passou por um crescimento ou um desenvolvimento econômico. Primeiramente, é necessário apresentar a definição de cada um dos conceitos. Esses dois conceitos têm muitas definições, porém a que será utilizada é a do economista brasileiro Paulo Sandroni (1994). De acordo com Sandroni, o crescimento econômico é o aumento da capacidade produtiva da economia e, portanto, da produção de bens e serviços de determinado país ou área econômica. O crescimento é definido basicamente pelo índice de crescimento anual do Produto Nacional Bruto (PNB) per capita ou pelo Produto Interno Bruto (PIB). O crescimento de uma economia é indicado ainda pelo índice de crescimento da força de trabalho, a proporção da receita nacional poupada e investida e o

grau de aperfeiçoamento tecnológico. Já o desenvolvimento econômico é constituído do “crescimento econômico (aumento do Produto Nacional Bruto per capita) acompanhado pela melhoria do padrão de vida da população e por alterações fundamentais na estrutura de sua economia”.

Com base nesses pressupostos, é visível que neste século, e principalmente de 2010 a 2022, o Nordeste vem passando por um crescimento econômico fortíssimo, pois seu produto interno bruto, mesmo numa década de crise brasileira, cresceu cada vez mais. Além disso, a receita maior que a região teve durante esse tempo, foi investida e utilizada como forma de modernizar a região, com a criação de parques industriais, investimentos numa agricultura mais mecanizada, criação de diversas infra estruturas para atrair capitais públicos e privados, criação de universidade para produzir mão de obra qualificada. Ou seja, a melhora dos indicadores econômicos e os investimentos múltiplos graças a esse aumento justificam o crescimento econômico da região.

Por outro lado, em relação ao desenvolvimento econômico, é mais difícil comentar pois a região teve, de fato, um crescimento econômico que impactou em uma melhoria na qualidade de vida da população, isso é visto no crescimento do seu IDH, logo vemos que está havendo um avanço no desenvolvimento humano e o bem-estar da população nordestina. Porém, temos muitos outros aspectos, como saneamento básico, coleta de lixo, taxa de natalidade, que mostram que o Nordeste tem carências em relação a algumas áreas que impactam diretamente no padrão de vida das pessoas. Além disso, durante a segunda década do século XXI, o Nordeste não demonstrou alterações fundamentais na estrutura de sua economia, mantendo uma população que em sua maioria ganha um salário baixo, abaixo de 2 salários mínimos. Toda essa situação faz aparentar que o nordeste, nem deixou de ter um desenvolvimento econômico, nem consolidou um desenvolvimento econômico, mas sim, a região está num processo de desenvolvimento econômico, ou seja, está usando o crescimento econômico que teve nas últimas décadas para melhorar a qualidade de vida da população, pois mesmo que muitos problemas ainda existam, uma melhora já ocorreu, a região mudou de patamar, e futuramente, os problemas que ainda existem no presente, podem, teoricamente, ser superados.

Por fim, analisando especificamente a realidade socioeconômica do Nordeste nos anos de 2021 e 2022, os dois primeiros anos e os anos de entrada da terceira década do século XXI, conseguimos ter uma noção de como foi a passagem do Nordeste da segunda década para a terceira, e como a pandemia da Covid-19 impactou a região. Como esses dois anos foram anos de reconstrução pós-pandemia, a análise para os dois é semelhante, não há muita distinção entre ambos.

Em relação a economia, 2021 teve um crescimento no PIB do nordeste de 3,5% e em 2022 de 3,4%. Em 2021 esse crescimento foi menor que o crescimento do Brasil, que foi de 5%, isso pois, a indústria de transformação do Brasil vivenciou um crescimento bastante positivo, enquanto no nordeste, essa mesma indústria se encontrou em retração, recuo esse motivado, segundo Trece e Considera (2023), pelo fechamento da fábrica da Ford em Camaçari, na Bahia. A produção física do segmento de fabricação de veículos automotores retraiu 94,9% na Bahia, em 2021, tendo forte impacto na queda de 14,3% do total da produção industrial de transformação baiana. Estima-se que a representatividade da indústria de transformação

nordestina tenha se reduzido no Brasil de 10,5% em 2020 para baixíssimos 9,6% em 2021, muito menor que em 2020 e nos anos anteriores.

Já em 2022, o crescimento nordestino foi maior que o brasileiro, que foi de apenas 2,9%, isso pois, a região teve crescimento no setor de serviços muito maior do que o observado no Brasil. Mesmo que o setor de comércio, graças aos prejuízos da pandemia, tenha diminuído mais no Nordeste do que no Brasil como um todo, todas as outras atividades econômicas da área de serviços (transportes, administração pública, informação e comunicação, outros serviços e aluguéis) cresceram mais na região do que no restante do país. Analisando o Biênio 2021-2022, o crescimento médio do Nordeste, de 7%, foi menor do que o crescimento brasileiro de 8%. Por outro lado, podemos ver que em 2021 e 2022, a participação do Nordeste no PIB brasileiro foi de 13,8%, menor que nos anos anteriores, porém seguindo acima da média que o Nordeste vem tendo neste século de 13,6%. Isto demonstra que, mesmo tendo piores resultados em sua economia graças aos impactos da Covid-19 e as medidas de menor participação do Estado na economia, dos presidentes Temer e Bolsonaro, as quais impactam nas leis de auxílio ao Nordeste, vemos que os resultados obtidos com as políticas implementadas pelos presidentes Lula e Dilma tiveram impactos futuros que auxiliaram na construção de uma economia mais forte e mais consolidada do Nordeste, que mesmo passando por momentos negativos, ainda consegue ter uma produção e resultados satisfatórios. Em relação a distribuição da atividade econômica por setores, vemos que a participação da agropecuária aumentou, chegando a 9,4%, enquanto a indústria diminuiu, indo para 20,9%, e os serviços, mesmo sendo ainda o setor de maior participação, diminuindo para 69,7%.

Fazendo uma análise de indicadores sociais do Nordeste durante o biênio 2021-2022, vemos como a pandemia de Covid-19 afetou negativamente a população, ainda mais numa região como esta, que tem um baixo rendimento médio de 1.812 reais. A epidemia, apesar de não ter pouparado as regiões mais ricas, vem ocorrendo de forma mais acentuada nos estados das regiões mais pobres, como o Norte e Nordeste. O Nordeste, uma das regiões mais pobres do país, representa 27% da população brasileira e apresenta cerca de um terço de todos os casos (34%) e dos óbitos (32%) (Fonseca, Almeida, Silva, 2021). Esses números negativos são resultado dos níveis ruins relacionados à saúde da população, ligados por exemplo, a saneamento básico e água canalizada.

Como se sabe, a pandemia afetou muito o Brasil, principalmente lugares mais pobres como o Nordeste, que apresentou retração econômica, atingindo a empregabilidade, a renda, desencadeando a compressão do consumo (Fonseca, Almeida, Siva, 2021), situação muito negativa que acaba por anular muitas conquistas das políticas de coesão social. Afetando o poder de compra da sociedade, você não só piora a qualidade de vida da população, como piora a economia na região e diminui o interesse e confiança de outras empresas investirem nela. Grandes tributos arrecadados pelos estados que os auxiliam financeiramente, como o ICMS e o Fundo de Participação dos Estados (FPE), tiveram grande declínio, afetando muito na economia dos estados nordestinos. Mesmo com o governo federal fazendo repasses financeiros e promovendo políticas para atender as necessidades dos entes federados, diante da redução da arrecadação do ICMS e dos repasses Governamentais do FPE, as arrecadações foram reduzidas pela recessão econômica eclodida por todo o país provenientes da redução do consumo e da circulação de pessoas, comprometendo os orçamentos dos Estados e

Municípios no Brasil (CARVALHO, 2020). De acordo com Jéssica Luana Dantas da Fonseca, Cássio Rodrigo da Costa Almeida, Maria do Rosário da Silva:

Os estados do Nordeste que evidenciaram maiores perdas nas receitas do FPE e do ICMS foram os estados do Ceará, Bahia e Pernambuco, com perdas nessas duas fontes de recursos de R\$ 1.1 bilhões, R\$ 1,03 bilhões e R\$ 819 milhões respectivamente. Ressalta-se que todos os estados do nordeste apresentaram déficit no FPE e ICMS na comparação 2019/2020 e os estados que apresentaram menores impactos nesse quesito foram Paraíba e Alagoas, com perdas de R\$ 237 milhões e 47 milhões respectivamente. (2021, p.67)

Fazendo essa análise do biênio, vemos que o Nordeste continua com os problemas da década anterior, ainda mais agravado pela pandemia, isso pois vemos um região que mesmo com as dificuldades econômicas da pandemia, conseguiu segurar números, em relação a economia, satisfatórios e apresentar um certo crescimento, enquanto a população, que já vivia diversos problemas, começou a vivenciar problemas maiores ainda no seu cotidiano. Ou seja, a região continua a viver um crescimento econômico que não é acompanhado de um desenvolvimento econômico, aparentando que as políticas realizadas na região servem mais para trazer dinheiro para as grandes empresas do que para melhorar as condições de vida da população.

De acordo com o que foi visto até aqui, o nordeste passou por grandes mudanças socioeconômicas de 2010 até 2022, mudanças estas relacionadas a uma melhora considerável na sua produção; nas suas taxas de PIB e crescimento econômico; na sua infraestrutura em geral, a qual impactou diretamente nos 3 setores da economia. Em relação a qualidade de vida da população, houve também melhorias, porém muitos outros dados ainda se mostram negativos, deixando claro que existem diversos problemas sociais na região, problemas estes que deixam nítido e justificam, as desigualdades inter-regionais e intrar-regionais que a região vivencia. Problemas estes que foram piorados com a chegada da pandemia de Covid-19. Tendo isso em vista, vemos que a região teve muitos ganhos na segunda década do século XXI, porém ainda apresenta elevados problemas, que se não tratados agora nesta terceira década, farão com que o crescimento econômico do Nordeste seja somente para os mais ricos que investem na região, e que a maioria da população além de não ter acesso à gama de benefícios desse crescimento econômico, não vivenciará principalmente um desenvolvimento econômico e a melhoria do padrão de vida da população e as alterações fundamentais na estrutura de sua economia que esse desenvolvimento gera.

Capítulo 3 - Como a mídia analisou e representou o Nordeste entre 2010 a 2022

“O campo jornalístico tem capacidade de intervir no curso dos acontecimentos; de influenciar nas ações e crenças de outros e também criar acontecimentos mediante a produção e a transmissão de formas simbólicas, com a mídia se tornando uma arena decisiva em que as relações do campo político são criadas, sustentadas e, em algumas ocasiões, destruídas pela própria mídia.”

(Venício Artur de Lima)

É necessário entender como a mídia representou o Nordeste na última década para compreender se os estereótipos sobre a região continuam sendo difundidos e impactando a maneira pela qual a população enxerga a região. Ao longo de muitas décadas (desde o período imperial, mais especificamente, onde os sertões brasileiros eram definidos como locus da barbárie), o Nordeste vem sendo representado no plano cultural como uma região atrasada. A literatura, a música, a poesia, a mídia e os livros escolares acabam por retratar o nordeste segundo um certo feixe imagético e discursivo que acaba por sustentar essa visão preconceituosa. Isso acarretou com que a região, além de ser pesquisada, ensinada e administrada dessa forma, pelo impacto dessas ideias nas mentes das pessoas, fosse também tratada de uma forma que não rompesse com essa visão preconceituosa. Analisando a maneira com que a mídia aborda o Nordeste, devemos primeiro atentar para qual a imagem histórica que foi atrelada ao Nordeste, tanto pela literatura, pela história, pela mídia e pelos próprios políticos do país. Para fazer esse resgate histórico, nos baseamos, em grande parte, nas ideias de Albuquerque Júnior, no livro “A Invenção do Nordeste” de , 2011, onde o autor mostra que a imagem do Nordeste e do nordestino foi criada em cima de muita estereotipização (pobre, atrasado, seco) e dicotomias (litoral x sertão; paulista x sertanejo; norte x sul; atrasado x avançado; rico x pobre). De acordo com o mesmo:

O Nordeste é pesquisado, ensinado, administrado e pronunciado de certo modo a não romper com o feixe imagético e discursivo que o sustenta, ou seja, em alguma medida somos todos culpados” (2011, p.29).

Vale ressaltar que essas imagens estereotipadas do Nordeste acabavam por gerar oportunidades para as classes econômicas dominantes tirarem proveito da situação (exemplo da elite latifundiária da cana). Isso pois o plano político tomava medidas e proclamava leis que buscavam nesses estereótipos seu suporte imagético, transformando-os em estratégias rentáveis

para produzir leis e decretos que os beneficiavam, além de justificar, pelo plano cultural, motivos para receberem recursos, preservando relações sociais verticais e excludentes. O discurso sobre as secas foi utilizado e propagado pelas grandes elites políticas como forma de garantir seus interesses regionais, ou seja, o plano político utilizava o plano cultural e as imagens criadas sobre o Nordeste como forma de suporte simbólico para justificar suas estratégias de obtenção de recursos públicos e leis que garantiam somente benefícios para os mais ricos. Sendo a mídia, grande influenciadora e aliada dos políticos nesse processo. As matérias feitas pelos jornais da época eram tão estereotipadas que construíram na mente da população uma imagem falsa sobre o que era o Nordeste, quais eram seus problemas e qual era a realidade da sociedade nordestina. Ocasionalmente na criação de um cenário na mente das pessoas sobre o que era “necessário” ser feito na região, e com isso, alicerçando os políticos na tomada de decisões que, no fundo, beneficiavam somente eles.

Sabemos que o Nordeste é uma região heterogênea, com cada um dos seus estados tendo particularidades e realidades únicas, sejam sociais, econômicas e culturais. A região como um todo apresenta nuances totalmente diferentes do restante das outras regiões, consequência da sua rica história e de tudo que a região passou ao longo do tempo. No entanto quando a mídia usa estereótipos para abordar a região, vemos que a riqueza de informações e características do Nordeste é apagada, substituída por um olhar que se torna senso comum, tendo a participação dos meios de comunicação nesse processo rotulando, categorizando e encaixando de forma reducionista uma multiplicidade de informações imagéticas que o Nordeste oferece (Leitão; Santos, 2012).

Ao longo do tempo, as principais imagens, ou melhor, estereótipos, mais atrelados à região foram, do nordestino “burro”/analfabeto; de olhar a região toda como um grande sertão; e uma região pobre pela falta de chuvas, pela seca e excesso de calor; e sempre sendo comparada e inferiorizada com a realidade de outras regiões. Porém com uma rápida análise, é possível ver como todos esses estereótipos estão errados e mascaram um preconceito velado sobre a região. A título de exemplo, a imagem do nordestino ignorante cai por terra ao avaliar os resultados de 2023 do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), fornecidos pelo Ministério da Educação (MEC), que aponta que a região foi a que mais obteve notas mil na redação, a qual é parte crucial do exame, mostrando que alunos extremamente capacitados estão sendo gerados na região. Falando sobre a visão do Nordeste como um grande sertão, sem chuvas e por consequência pobre, temos que de antemão, saber que grande parte da região está dentro do clima semiárido, diferente do restante do país que está envolto por um clima úmido ou subúmido. As principais características do semiárido são, variabilidade climática, irregularidade das chuvas (irregulares até mesmo onde caem), baixas médias pluviométricas anuais e alto índice de aridez, características potencializadas no Nordeste em função da dificuldade da massa de ar tropical atlântica em penetrar de leste para oeste e ao relevo de chapadas presente na região, que cria um “vazio de precipitações”. Muitos atrelam esse clima seco a condições de pobreza, impossibilidade de produzir e até mesmo que o calor e a secura do ar acabam criando “trabalhadores exaustos e preguiçosos”. Porém, evidencia-se o preconceito em relação à região, quando vemos que quase metade do mundo vive em regiões semiáridas, apresentando locais muito ricos como Israel e o oeste dos Estados Unidos

(incluindo o estado da Califórnia como principal exemplo), e mesmo assim, não associamos esses lugares a pobreza, da mesma forma que é feita com o Nordeste. Isso demonstra o preconceito que os 8% que vivem no semiárido sofrem dos 92% que vivem em climas mais úmidos no caso brasileiro. Esse preconceito situa-se no plano cultural, especificamente fomentado pela mídia, quando as características naturais de um lugar (o visível), são trabalhadas e apresentadas de uma forma que transforma toda essa paisagem em algo que se enquadre em um certo discurso (o dizível), ou seja, o nordeste, região semiárida, tem todas suas características (o visível) encaixadas em um discurso único e homogeneizador intitulado de Sertão (o dizível), o qual irá impactar diretamente no imaginário da população brasileira. É nesse sentido que a mídia se refere ao nordeste como um todo pela alcunha de “sertão”, colocando as características de “longe”, “pobre”, “isolado” e “interior” atreladas a esse conceito. De acordo com Antonio Carlos Robert Moraes (2003), no texto, “O Sertão: Um “outro” geográfico”, “o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares”. Trata-se de um símbolo imposto”. Nessa criação da ideia de Sertão está incrustada a comparação e inferiorização do Nordeste em relação a outras regiões, como o Sul e Sudeste, ou em relação a estados específicos, como São Paulo e Rio de Janeiro, isso pois, ainda de acordo com Antonio Carlos Robert Moraes, “O sertão só pode ser definido pela oposição a uma situação geográfica que apareça como sua antípoda”, ou seja, o sertão nasce como uma oposição ao litoral. Em outras palavras, o sertão, representando o Nordeste é uma oposição ao litoral, que representa o Sudeste, e que tem como características ser mais rico e ter mais capitais que o restante do país. Essa comparação com o litoral serviu historicamente como forma de impor padrões para o Nordeste se igualar com as outras regiões. No entanto, eles não serviam a região pois não se adequavam à sua realidade. Além disso, acabavam por servir de justificativa para que a classe política e proprietários de terras instalassem leis e medidas que tentassem equalizar o Nordeste às demais regiões. No fundo, porém, essas medidas só beneficiaram as classes dominantes, mantendo seus privilégios e excluindo ainda mais a população.

Tendo em vista como o Nordeste foi assim representado durante grande parte de sua história, é necessário compreender como essa região, entre 2010 e 2022, seguiu sendo representada, se os estereótipos continuam fazendo parte das principais notícias atreladas à região, e se os jornais analisaram de maneira correta e verdadeira a realidade nordestina, trazendo para o público toda a nova realidade socioeconômica vivida pela região durante esse intervalo de 13 anos que representa a segunda década do século XXI. Para essa abordagem sobre como a mídia retratou a região, foram analisadas diversas matérias sobre o Nordeste, abarcando matérias do jornal Folha de São Paulo (o qual há vários anos é o mais vendido do mercado). Exclusivamente foram analisadas matérias de 01 de Janeiro de 2010 até 31 de Dezembro de 2022, e que tinham a palavra Nordeste em seu título, deixando claro que o tema representado na matéria falava especificamente da região. Desse filtro, foram tiradas diversas análises sobre a atuação da mídia e 13 notícias específicas, uma para cada ano do nosso intervalo, que ajudam nos permitir fazer uma aproximação sobre como se deu a representação da região nesse intervalo de tempo.

Antes de apresentar as matérias, vale já de antemão abordar quais foram os principais temas retratados pela Folha de São Paulo de 2010 até 2022, sobre o Nordeste, sendo eles: Investimentos de empresas na região; apagões que a região sofreu; secas e seus impactos; a importância do turismo na região; e por fim, comparação do Nordeste com outras regiões. Vale ressaltar que, tirando os anos de 2010 e 2011, em que praticamente as notícias específicas sobre o Nordeste eram somente as que abordavam os investimentos na região, de 2012 até 2022, em todos os anos desse intervalo todos os temas abordados anteriormente acabaram tendo matérias únicas sobre eles. Analisando a data de cada publicação é possível comprovar como os temas foram recorrentes ao longo dos anos.

Matéria 1

08/06/2010 - 17h25

AmBev vai investir R\$ 670 mi no Norte e Nordeste e abrir fábrica

DE SÃO PAULO

PUBLICIDADE

A AmBev anunciou nesta terça-feira que irá investir R\$ 670 milhões nas regiões Norte e Nordeste em 2010. Desde total, R\$ 260 milhões serão utilizados na construção de uma fábrica em Pernambuco.

De acordo com a companhia, serão gerados 200 empregos diretos, na primeira etapa da operação, e cerca de 1.000 vagas indiretas, durante as obras de construção.

Segundo a AmBev, além dos R\$ 260 milhões iniciais, a nova fábrica em Pernambuco ainda deverá receber mais R\$ 100 milhões em uma segunda fase de ampliação até 2015.

Estes recursos fazem parte dos investimentos de R\$ 2 bilhões anunciados pela empresa no início do ano para ampliar de 10% a 15% a capacidade produtiva de suas fábricas em todo o país.

"O investimento é o maior já feito pela AmBev num único ano desde a sua criação e será viabilizado, dentre outras coisas, pelo não reajuste nas alíquotas dos impostos federais neste ano", afirmou em nota.

As obras da nova fábrica terão início em outubro deste ano e o início da operação está previsto para agosto de 2011.

A unidade terá capacidade para produzir até 10 milhões de hectolitros de cerveja e 4 milhões de hectolitros de refrigerantes.

Matéria 2

PepsiCo investe R\$ 24 milhões no Brasil com foco no Nordeste

DE SÃO PAULO

21/06/2011 0 14h48 - Atualizado às 18h39

 Compartilhar

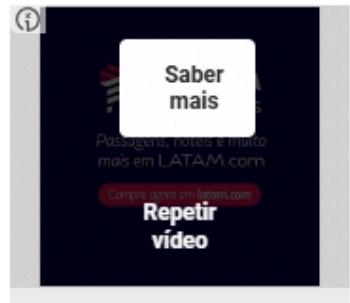


< 0

 OUVIR O TEXTO

 Mais opções

A PepsiCo, multinacional de bebidas e alimentos, anunciou nesta terça-feira que irá investir no Brasil mais de R\$ 24 milhões em distribuição e logística. O foco da ação será a região Nordeste. Além do refrigerante Pepsi, a empresa fabrica produtos das marcas Quaker, Coqueiro e Elma Chips.



Segundo a companhia, o montante será destinado à compra de veículos e capacitação dos 425 novos vendedores, um aumento de 27% no número de rotas de vendas no país. Desse total, 174 serão destinados ao Nordeste, sendo 102 em Salvador, 23 em Fortaleza, 46 em Recife.

"A distribuição é um ponto crucial, especialmente, no mercado nordestino, já que a maior parte dos consumidores desta região, cerca de 60%, faz compras no pequeno varejo, em estabelecimentos próximos de suas casas. Nossa meta é dobrar a distribuição na região até 2012", diz Alexandre Wolff, diretor da Unidade de Negócios Norte e Nordeste da PepsiCo.

Matéria 3

Ambev investirá R\$ 600 mi em usina eólica para fábricas na região Nordeste

Licenças de construção já foram concedidas; usina eólica provavelmente começará operações em 2022



8.nov.2019 às 14h36

Gabriela Mello

Ouvir o texto

A-

A+

SÃO PAULO | REUTERS A fabricante de bebidas Ambev anunciou nesta sexta-feira (8) um acordo com um grupo de private equity para construção de uma usina eólica que abastecerá todas as suas fábricas na região Nordeste, bem como as cinco cervejarias da marca Budweiser no Brasil.

Sob os termos do acordo, a Ambev desembolsará cerca de R\$ 600 milhões em um período de 15 anos para Casaforte Investimentos, que por sua vez construirá uma usina eólica de 1.600 hectares e potência superior a 80 megawatts na Bahia.

Essas três notícias, datadas de 2010, 2011 e 2019, respectivamente, demonstram o grande investimento que o Nordeste recebeu de empresas nacionais e internacionais durante a segunda década do século XXI, comprovando o que foi dito anteriormente, ou seja, que as políticas de “solidariedade regional”; de criação de infraestrutura; flexibilização de leis e incentivos fiscais, acabaram por criar um cenário favorável à região, atrativo a empresas de diferentes setores. Analisando cada uma das matérias vemos que elas têm em comum o fato de trazer a notícia da grande quantidade de novos postos de trabalhos que essas empresas iriam criar ao investirem na região. Em 2010, a redação da Folha de São Paulo noticiou que a AmBev gerou “200 empregos diretos, na primeira etapa da operação, e cerca de 1.000 vagas indiretas, durante as obras de construção”, enquanto em 2011, a redação da Folha de São Paulo noticiou que o dinheiro investido pela PepsiCo “será destinado à compra de veículos e capacitação dos 425 novos vendedores”. A PepsiCo especificamente se mostrou muito interessada em investir no Nordeste, analisando de maneira detalhada o perfil da região e vendo que no mercado nordestino “a maior parte dos consumidores desta região, cerca de 60%, faz compras no pequeno varejo, em estabelecimentos próximos de suas casas”. Na notícia de 2019, escrita pela jornalista Gabriela Mello, vemos que muito dinheiro seria investido em infraestrutura na região. Isso sugere que a imagem sobre o Nordeste evoluiu ao longo do tempo, saindo de um local antes considerado economicamente inviável ou pouco rentável para instalar grandes indústrias, para um local visto por grandes empresas como um centro atrativo e que possibilita a instalação de grandes estruturas que interferem

no funcionamento das fábricas da marca em todo o Brasil. Vale ressaltar que, o texto de 2011, segundo o qual a PepsiCo avaliava abrir mais uma fábrica na cidade de Feira de Santana, na Bahia, investindo “aproximadamente US\$ 20 milhões e previsão da criação de aproximadamente 400 empregos entre diretos e indiretos”, é um exemplo claro do crescimento das cidades médias do Nordeste. Mesmo com o investimento maior que elas vêm recebendo de várias empresas, graças às políticas públicas que buscavam desenvolver o interior dos estados, lendo as notícias, percebemos que a grande maioria dos investimentos continua concentrada nas principais cidades da região: Salvador, Recife, Fortaleza. Isso fortalece o argumento da grande desigualdade intrar-regional que existe no Nordeste. A partir dessa análise, vemos que a mídia realmente buscou retratar o crescimento econômico que a região teve atrelado ao enorme número de investimentos feitos por empresas privadas, públicas, nacionais e internacionais, investimento esse atrelado às políticas públicas que impulsionam e possibilitaram a instalação desses novos negócios na região.

Matéria 4

Consumo no Nordeste está defasado em relação ao do Sudeste

JOANA CUNHA

ENVIADA ESPECIAL A RIO GRANDE DO NORTE E AO CEARÁ

25/12/2014 © 02h00



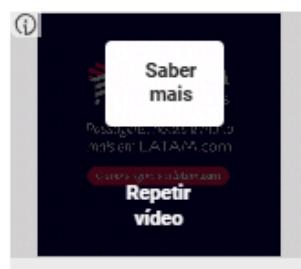
< 0

OUVIR O TEXTO

Mais opções

Apesar de manter até hoje um consumo crescente que vem desde o início do governo Lula, o nordestino ainda vive uma era de consumo defasado, segundo especialistas em varejo.

Mesmo em grandes redes de supermercados, os clientes locais ainda se abastecem de itens básicos, enquanto em outras regiões houve uma migração maior para produtos tidos como premium.



"Eles ainda estão ingressando na pirâmide de sofisticação de produtos", diz o especialista em vendas e marketing Adriano Amui, professor da ESPM.

Estudo do instituto Nielsen, que monitora a venda de produtos nos mercados de quase todo o país, revela discrepâncias no padrão de compras no Nordeste.

Na região, o leite em pó, por exemplo, é o quinto item mais vendido. No restante do país, é o 36º.

Matéria 5

Norte e Nordeste perdem fôlego e viram lanterna da economia



EDUARDO CUCOLO
DE BRASÍLIA

06/03/2016 © 02h00

Matéria 6

FOLHA ESG · SUSTENTABILIDADE

Norte e Nordeste puxam sustentabilidade dos estados para baixo

Regiões estão abaixo da média em ranking divulgado pelo CLP

[F](#) [G](#) [f](#) [X](#) [R](#) [M](#) [...](#)

13.set.2022 às 13h07
Atualizado: 13.set.2022 às 10h49

[EDIÇÃO IMPRESSA](#)

[Ouvir o texto](#) [A-](#) [A+](#)

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Os estados brasileiros ainda estão, na média, com nota baixa nos quesitos de sustentabilidade, com uma separação bem clara entre as três regiões mais ricas do país e as duas mais pobres.

De acordo com a 2ª edição do [Ranking de Sustentabilidade dos Estados](#), divulgada pelo CLP (Centro de Liderança Pública) nesta terça-feira (13), a nota média geral da avaliação ESG dessas 27 unidades da federação é de 40,6 (dentro do intervalo de zero a 100). [ESG](#) é a sigla em inglês que reúne três dimensões da sustentabilidade: ambiental, social e governança —todas com nota em torno da média.



Usina solar instalada na Vila Restauração (AC) equipada com 580 painéis fotovoltaicos, baterias de lítio e dois geradores para situações críticas - James Maciel/Energisa

Essas outras três matérias, de 2014, 2016 e 2022, acabam por dar continuidade a algo que já é muito comum na mídia brasileira, comparar o Nordeste a outras regiões. Os três textos de maneira muito semelhante, buscam comparar a realidade nordestina com a realidade de outras regiões, principalmente a região Sudeste, e mais especificamente o estado de São Paulo, traçando uma dicotomia entre uma região Nordeste pobre e atrasada contra uma região Sudeste rica e desenvolvida. Na matéria 4, a autora Joana Cunha, falando sobre os nordestinos, argumenta que “os clientes locais ainda se abastecem de itens básicos, enquanto em outras regiões houve uma migração maior para produtos tidos como premium, eles ainda estão ingressando na pirâmide de sofisticação de produtos”. Essa frase sugere uma visão do cotidiano e modo de vida nordestinos a partir de outras regiões. Além disso, evidencia-se uma leitura crítica que inferioriza a região por não ser semelhante a outras regiões mais ricas do país ou por

ser mais “simples”. Uma visão capitalista e consumista de certa forma, pois, se o uso do item básico já supre a necessidade do nordestino, por que razão o produto premium teria que ser um desejo de consumo dos mesmos? Na matéria 5, escrita por Eduardo Cucolo, o autor apresenta que a região Nordeste, junto com a Norte, tiveram uma retração econômica superior e pior que as outras regiões. O autor chega a usar expressões como “dados piores” e “mais afetadas pela retração”, fazendo parecer que as regiões tiveram um piora muito mais significativa que o resto do país. Porém ao analisarmos o texto, o próprio autor demonstra que a retração foi generalizada no país, e que a retração do Nordeste de 3% foi muito próxima da retração do Sudeste, região mais rica do país, que teve retração de 2,5%. Com isso, o autor faz parecer um certo alarmismo, o qual sempre foi atrelado ao Nordeste pela mídia, que historicamente tratou a região como um local que sempre está pior que os outros, sempre em baixa e que precisa de auxílio. Na matéria 6, de Eduardo Cucolo, continuamos a ver as comparações entre o Nordeste e as outras regiões. A matéria apresenta um Nordeste muito atrás do Sudeste no quesito da sustentabilidade, mostrando como todo os estados nordestinos estão abaixo da média considerada boa, enquanto o Sul e o Sudeste estão muito mais acima. Com isso, reforça um contínuo rebaixamento da região perante a outras, tecendo parágrafos específicos para elogiar São Paulo e Rio de Janeiro, como se estes estados fossem o centro da sustentabilidade brasileira. No entanto, o texto dá pouca ênfase para dois fatos: a média brasileira no quesito sustentabilidade é baixa, mostrando que o fato das notas do Nordeste serem baixa não fogem da realidade brasileira e que o Sul e o Sudeste não são a regra e sim, infelizmente, a exceção. Além disso, a matéria omite os esforços contínuos que o Nordeste vem fazendo há anos para ser um pólo de energia limpa no país, investindo muito em energia solar, biomassa e energia eólica (comprovado pela matéria 3). Vale ressaltar o fato de que em ambos os textos vemos frases como “Apesar de manter até hoje um consumo crescente que vem desde o início do governo Lula” e “As regiões Norte e Nordeste, que haviam mostrado maior resistência à desaceleração econômica em 2014”, as quais até buscam apresentar pontos positivos do Nordeste, mas de maneira muito rasa e rápida, pois a sequência dessas frases é acompanhada de comparações negativas da região com as demais. Outro fato curioso é o de que sempre se analisa o Norte e o Nordeste em conjunto, isso pois, mesmo as regiões sendo extremamente diferentes entre elas, com particularidades únicas, a mídia segue retratando as duas regiões em conjunto e com uma análise unificada, a da pobreza, reforçando a velha antítese do Norte do Brasil ser pobre versus o Sul do Brasil que é rico. Esse tipo de análise só acaba por reforçar preconceitos e apagar a heterogeneidade dos estados presentes nessas regiões. Entre os resultados disso, vemos pessoas de outras regiões chamarem os nordestinos e os nortistas de “paraíbas” ou “baianos” ou, quando querem criticar alguma atitude ou estilo, dizem “isso é coisa de baiano”, termos preconceituosos, que além de abreviar e apagar diversidade do Nordeste, acabam por injuriar a população de duas grandes regiões do país.

Analizando as matérias, vemos que a comparação de décadas, do Nordeste com outras regiões, continua, sempre inferiorizando a realidade nordestina em relação à realidade do Sul e Sudeste, tentando em vários momentos criar um clima de tensão na região por ela se diferenciar das demais em certos aspectos (muitas vezes uma tensão exagerada, pois o grau de alarde não se relaciona com a realidade observada). Isso contribui para criar nas mentes da população brasileira e local ideias de que medidas devem ser feitas para homogeneizar as regiões em praticamente todos os aspectos.

Matéria 7

Seca e varejo fazem economia no Nordeste desacelerar, segundo BC

DO VALOR

03/08/2012 ⌂ 15h01



O crescimento da economia na região Nordeste teve intensa desaceleração, ao passar de 1,7% no trimestre encerrado em fevereiro para 0,6% nos três meses posteriores, informou nesta sexta-feira (3) o Banco Central.

No Boletim Regional, divulgado hoje em Salvador, a autoridade monetária destaca que tal desempenho está em linha com o arrefecimento das vendas no varejo e do mercado de trabalho na região, e reflete o impacto adverso do clima sobre a produção agrícola.



Matéria 8

Maior reservatório do Nordeste, Sobradinho atinge seca histórica

PATRÍCIA BRITTO
DO RECIFE

24/10/2015 © 11h10



Maior reservatório de água do Nordeste, a barragem de Sobradinho, no rio São Francisco, atingiu neste sábado (24) o nível mais baixo de sua história, aumentando o risco de desabastecimento hídrico em consequência da pior seca dos últimos 83 anos.

A água acumulada no lago está em 5,41% de seu volume útil –abaixo dos 5,46% de novembro de 2001, quando o país passou por um racionamento de energia.

Inaugurada em 1979, a represa de Sobradinho tem capacidade de 34,1 bilhões de metros cúbicos e corresponde a 58% da água usada para geração de energia no Nordeste. Mas enfrenta grave estiagem –de janeiro a outubro de 2015, choveu apenas 29,8% do esperado na região da barragem.

"Todos os usuários devem estar preparados para chegarmos ao volume morto. Isso não significará que a água acabou, mas os usos [como geração de energia, irrigação e consumo] terão que se adequar a essa realidade", alerta o superintendente de Operação da Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), João Henrique de Araújo Neto.



Matéria 9

Trabalhador rural sofre com recessão e seca no Nordeste

Fernando Vivas/Folhapress



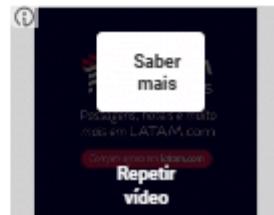
Desempregado há dez meses, Cláudio Santos de Jesus caminha com a família em Terra Nova (BA)

JOÃO PEDRO PITOMBO
ENVIADO ESPECIAL A TERRA NOVA (BA)

23/07/2017 © 02h00



Numa estrada coberta de lama, Cláudio Santos de Jesus, 42, segue caminhando até o povoado de Rio Fundo, em Terra Nova, cidade de 13 mil habitantes a 81 km de Salvador. Desempregado, aproveita para assuntar sobre uma possível vaga de trabalho no povoado vizinho ao de Paranaguá, onde mora.



Já essas três matérias, respectivamente dos anos de 2012, 2015 e 2017 retratam algo que a quase um século é associado à região, que é como o Nordeste, atingido por secas recorrentes, tem sua economia afetada por elas. Nas três matérias vemos a mesma abordagem, de que, a seca ao atingir o Nordeste vai causar um impacto imediato e decisivo na vida das pessoas. Na matéria 7, escrita pela redação da Folha de São Paulo, vemos os autores associarem a desaceleração da economia da região ao “impacto adverso do clima sobre a produção agrícola”; na matéria 8, de Patrícia Britto, vemos a autora analisando como a falta de chuvas na represa de Sobradinho acarretará um racionamento do uso de água para a população e que a represa, que corresponde a 58% da água usada para geração de energia no Nordeste poderia deixar de operar, prejudicando de forma catastrófica as atividades econômicas e o dia a dia dos nordestinos. A matéria 9, de João Pedro Pitombo, não foge desse padrão, com seu autor deixando claro que a crise econômica e o aumento da desocupação no campo são inflados graças ao fato de que a região enfrentava “uma estiagem que já dura seis anos, na pior seca

registrada nas últimas cinco décadas". Essas análises de que as secas ainda são impactantes na economia nordestina e influenciam muito no dia a dia da população estão em desacordo com o que foi apresentado anteriormente, pois foi dito que, com diferentes investimentos ao longo do tempo conseguiu-se desenvolver a região a ponto de que esse problema histórico não gerasse tantos problemas quanto antigamente. Apesar disso, vemos que os próprios textos, mesmo por apresentar o problema da seca em seus títulos como algo devastador no Nordeste e abordar em grande parte do texto os malefícios da seca, apresentam também que os efeitos da seca hoje podem ser combatidos evitando-se os mesmos problemas do passado. No texto 7, vemos o autor dizendo que mesmo com o problema da seca, a economia nordestina tende a aumentar, graças aos programas de "coesão social" que ocasionavam uma "expansão do emprego e dos rendimentos reais, nos investimentos públicos e privados em execução ou programados e no desempenho do comércio". No texto 8 vemos o próprio autor dizer que o risco da população ficar sem água ou a hidrelétrica de Sobradinho parar de funcionar é nulo, já que hoje, "é possível usar fontes alternativas, como térmicas e eólicas, e transferir energia de outras regiões por meio de linhas de transmissão". E na matéria 9, presente a frase "no agronegócio, não houve demissões em massa", vemos que o problema da desocupação no campo por causa da seca é mais um problema do capitalismo e da expansão do agronegócio. Isso pois, o agronegócio tem capital necessário para trazer os melhores insumos e agrotóxicos para utilizar na terra e fazer com que, até no local mais impróprio, consigam crescer seus produtos em menor espaço de tempo. Enquanto o pequeno produtor, não tendo o capital para esses insumos, teria que esperar as chuvas e esperar o tempo natural de desenvolvimento de seu produto. Situação desleal para o pequeno produtor que não consegue se adequar a realidade que o mercado impõe.

Nas matérias 8 e 9, ainda vemos o uso de imagens: na primeira, uma parte seca e lamacenta do Rio São Francisco, e na segunda uma imagem de uma família grande, pobre, localizada "no meio do nada". Ambos recursos imagéticos auxiliam na criação de uma imagem falsa a respeito do Nordeste e do nordestino, pois mesmo o rio São Francisco tendo um vazão altíssima, quem vê a foto pensa que o Nordeste é uma região de rios secos, e mesmo o padrão de vida tendo aumentado e a taxa de fecundidade caído na região, o leitor pode ver o Nordeste como uma região que abriga pessoas pobres, que vivem na roça e que ainda continuam tendo um número de filhos acima da média. As fotos feitas a respeito das características da região, são impregnadas de um olhar sobrecarregado de um significado específico (Leitão; Santos, 2012), o da pobreza atrelada à seca. Sobre o que foi apresentado até aqui, vemos de maneira gritante como a mídia segue retratando como sinônimos o Nordeste e as secas, traçando diversos paralelos que busquem justificar como as secas episódicas ainda impactam de maneira decisiva o desenvolvimento da região. Assim, propõem que os efeitos das secas devem ser combatidos de modo a melhorar a qualidade de vida e a economia na região.

Matéria 10

Apagão atinge Nordeste do país

DE SALVADOR

28/08/2013 0 15h37 - Atualizado às 17h44

 Compartilhar



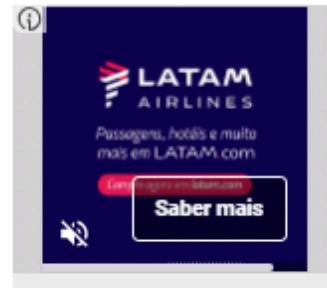
< 0

 OUVIR O TEXTO

 Mais opções

Um apagão atinge todos os Estados do Nordeste do país desde o início da tarde desta quarta-feira (28).

Há confirmações de falta de energia em Teresina, Salvador, Fortaleza, Recife, Maceió, Natal, João Pessoa, entre outros municípios. Em São Luis, no Maranhão, não houve apagão, mas a Cemar (distribuidora de energia do Estado) confirmou que faltou luz em regiões do interior do Estado, mas a situação já foi normalizada.



Apagão gera transtornos pela região Nordeste

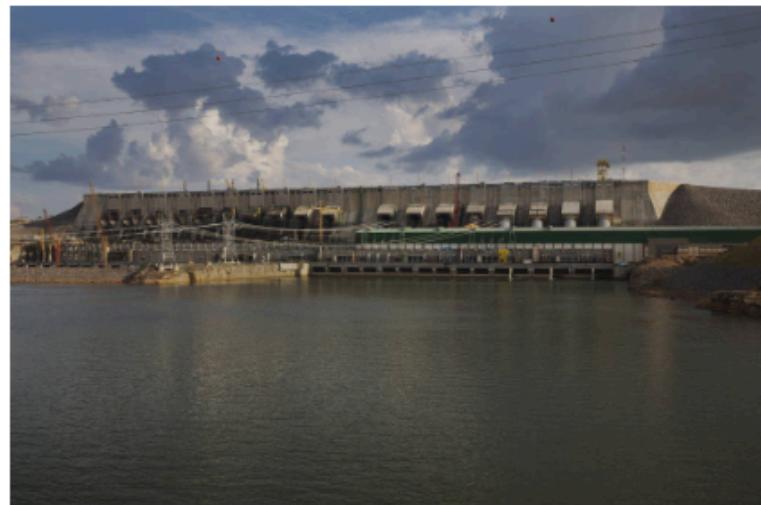
Às 17h, a energia já havia voltado em Teresina (PI). Aos poucos estava sendo retomada também em Salvador (BA), Fortaleza (CE), Recife (PE), João Pessoa (PB) e Maceió (AL). Em Natal (RN), a luz voltou por volta das 16h50, mas dez minutos depois caiu de novo. Na capital da Paraíba, a Polícia Militar pede para as pessoas permanecerem em suas casas.

Segundo as distribuidoras de energia nos Estados, a luz está sendo reestabelecida aos poucos, para que a rede não fique sobrecarregada e ocorra um novo apagão nas cidades.

Matéria 11

Apagão atinge estados do Norte e Nordeste

Queda ocorreu às 15h48 e afetou 22,5% da demanda de energia do país naquele momento



A usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará - Lalo de Almeida - 30.set.16/Folhapress

21.mar.2018 às 17h02
Atualizado: 21.mar.2018 às 19h53

Nicola Pamplona
Carolina Linhares

Essas duas notícias, de 2013 e 2018, escritas pela redação da Folha de São Paulo e pela dupla Nicola Pamplona e Carolina Linhares, respectivamente, são um pequeno recorte de algo que aconteceu diversas vezes na região Nordeste: apagões que impactaram profundamente no dia a dia da população nordestina. Esse tipo de situação afeta muito a vivência da população nordestina, algo que deveria ser inaceitável. Pois a segunda região mais populosa do país, de um dos países mais ricos do mundo, abriga, na atualidade, uma população com um padrão de vida muito superior ao do passado, e demanda suas infraestruturas e serviços públicos à altura de suas necessidades, de modo a poder desenvolver cada vez mais seus potenciais. Esses apagões e seus impactos na população se enquadram na realidade do que viveu a região Nordeste de 2010 até 2022, a qual viveu um crescimento econômico, mas que ainda precisa se desenvolver mais no que se refere ao bem estar da população em geral.

Nessas duas matérias, os autores justificaram os apagões graças a falta de infraestrutura de qualidade, perturbações nas redes transmissoras de energia, e problemas na conexão da energia que é gerada pelas usinas hidrelétricas e que é direcionada para outras localidades.

Comparando com as notícias que abordam os apagões de Outubro de 2024 que aconteceram em São Paulo, cidade mais rica do país, vemos a hipocrisia dos jornalistas. Pois enquanto o Nordeste tem seus apagões relacionados à falta de estrutura, São Paulo tem seus apagões relacionados a causas naturais como fortes ventos e chuvas intensas. Mostrando como sempre a mídia analisa o Nordeste de forma inferiorizada e o Sudeste de forma superior ou condizente com a própria realidade, o que não acontece com a região nordestina. Vemos isso na matéria de Rebeca Freitas, do jornal Exame:



exame.

[Home](#) > [Brasil](#)

São Paulo enfrenta apagões após forte chuva nesta quinta: mais de 100 mil clientes estão sem luz

Temporal causou alagamentos, rajadas de vento de até 40 km/h e afeta fornecimento de energia na capital paulista

Isso deixa claro que numa mesma situação, a mídia irá retratar o ocorrido de formas diferentes e de acordo com o preconceitos que rodeiam o local do ocorrido.

Matéria 12

Para o turismo do Nordeste, 2020 já acabou

Depois de óleo nas praias, pandemia de Covid-19 afasta visitantes, fecha negócios e deixa informais sem trabalho



2.mai.2020 às 12h00

João Valadares

João Pedro Pitombo

▶ Ouvir o texto

A- A+

RECIFE e SALVADOR Nas [praias mais movimentadas de Porto de Galinhas, em Pernambuco](#), a faixa de areia permanece intacta, e quase não há pegadas de pessoas no chão. No badalado Rio Vermelho, onde a noite ferve em Salvador, restaram apenas as estátuas dos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai devidamente trajados de máscaras cirúrgicas.

Após um verão marcado pelo derramamento de óleo nas praias, que afugentou visitantes por quatro meses, a pandemia do novo coronavírus deve [consolidar um ano perdido para o turismo no Nordeste](#).

Matéria 13

Com avanço da vacinação, turismo inicia retomada no Nordeste

Movimento ainda é baixo apesar de férias escolares, e viagens a negócios estão praticamente paradas

Essas duas matérias, de 2020 e 2021, respectivamente, apresentam como o turismo é importante para o Nordeste, e como a pandemia impactou essa atividade. No primeiro, de João Valadares e João Pedro Pitombo, vemos que a pandemia de Covid-19 impactou tanto o turismo da região que o próprio autor mostra que é considerado como se fosse um ano perdido para a região, pelas enormes perdas monetárias que isso acarretaria para o Nordeste. Enquanto isso, o segundo texto, também de João Valadares e João Pedro Pitombo, mostra como a volta do turismo, possibilitada graças a vacina do Covid-19, é vista como uma “bênção” para os diversos setores do turismo, e para o Nordeste como um todo, que viu os números desse segmento aumentarem e voltarem a trazer grandes lucros para a região.

O Nordeste, na grande maioria das vezes, foi associado, pela mídia, à pobreza e à seca do sertão; porém, por em diversas vezes também, teve suas belezas naturais do litoral trazidas pela grande mídia como forma de impulsionar o turismo para a região, que é uma das principais atividades econômicas da região. Aqui vemos um jogo de interesses quando se trata da dicotomia, sertão pobre e litoral rico, pois quando se busca apresentar uma região frágil e que precisa de auxílios, a mídia busca representar o nordeste pelo viés do sertão pobre, mas quando é para demonstrar as belezas da região e atrair turistas para as belas paisagens naturais, principalmente as praias da região, a mídia apresenta a região pela ótica do litoral rico. Além disso, o nordeste é a região número um em diversos setores de diversas atividades econômicas diferentes, sendo a economia dos seus 9 estados muito heterogênea e especializada na produção e exportação de certos produtos. No entanto, a mídia, e essas duas matérias especificamente, comprovam isso quando acabam por não trazer a tona a grande variedade produtiva que existe no Nordeste. E considerando o enorme número de matérias sobre as “belezas naturais do Nordeste” ou “lugares para viajar/conhecer no Nordeste”, a mídia contribui para se construir uma ideia de que o turismo é a principal atividade e a saída econômica para a região. Neste sentido, o Nordeste vai sempre precisar de que os outros venham para sua região para que assim ela consiga se desenvolver. .

Como dito anteriormente, o Nordeste de 2010 até 2022 foi uma região que vivenciou um crescimento e desenvolvimento econômico, ainda que existam muitas melhorias a serem feitas na direção de um desenvolvimento econômico pleno. No entanto, ao analisar as matérias feitas pela Folha de São Paulo, compreendemos que há uma incongruência entre aquilo que percebemos ao analisar os dados estatísticos e referências bibliográficas sobre a região, o que foi feito no capítulo 2, em relação àquilo que a mídia apresenta a respeito da região e da realidade nordestina, analisado neste capítulo 3. Realmente, a região apresentou um crescimento econômico, graças a diversas políticas realizadas pelo Estado, atraindo investimentos de grandes empresas, e isso, foi retratado de maneira idêntica pela mídia, mostrando quais empresas se instalaram na região, em que locais se instalaram, seus objetivos e o quanto investiram para produzir em diferentes localidades nordestinas. Em relação ao quesito economia e crescimento econômico do Nordeste, existe um consenso entre jornalistas e pesquisadores que estudam a região. Situação positiva, pois em períodos anteriores do século XXI, mesmo em períodos mais áureos da região Nordeste, eram raras as notícias que divulgavam esse sucesso.

Agora, a grande diferença de análise entre aquilo que a mídia publicou e o que vem sendo demonstrado tanto por estudiosos como por órgãos estatísticos do governo, diz respeito ao desenvolvimento econômico e à realidade nordestina: enquanto os estudiosos mostram avanços e retrocessos da região, a mídia parece fechar seus olhos para esses avanços, apresentando somente os retrocessos, e muitas das vezes, analisando a região pela mesma ótica que vem se apresentando há muitos e muitos anos, ligando a região à pobreza, à seca e ao atraso em relação a outras. Isso é facilmente percebido quando vemos os temas mais abordados, pois tirando-se o crescimento econômico, esses temas são, seca, apagões, comparação negativa com outras regiões e a importância do turismo na região. Falando ano a ano sobre as secas e os apagões, a mídia passa uma imagem de uma região que não tem infraestrutura suficiente para lidar com esses problemas, ficando à mercê deles. Falando especificamente das secas, assunto historicamente associado pela mídia à região, o jornal Folha de São Paulo passa uma imagem para o público de que a região não consegue enfrentar as secas; os problemas econômicos que a região passa ainda são causados pelo clima local e que ela não tem tecnologia suficiente para produzir no semiárido nordestino, fazendo os leitores crerem que a região tenha “parado no tempo” e considerarem que ela está atrasada tanto em relação às outras regiões como em relação ao mundo como um todo. Não apresentar para o público os avanços que a região teve no combate a secas e que essa característica do clima não prejudica mais a região como prejudicava antigamente, faz o brasileiro olhar para a região com o mesmo olhar de sempre, um olhar que atrela o clima com a pobreza, que atrela os menores dados econômicos da região à seca. Isso acaba por mascarar os verdadeiros problemas, tantos os históricos, quanto os relacionados à divisão territorial do trabalho, que obriga o Nordeste a seguir um padrão de produção que gera menos lucro para ele e mais lucros para outros locais.

A mídia simplesmente esconde o fato de o Nordeste ser uma região modernizada e repleta de investimentos em tecnologia, como por exemplo, a região, utilizando tecnologia israelense, consegue produzir frutas que necessitam de muita água em regiões bem secas do semiárido, como uvas e outros produtos, que antigamente eram impensáveis de se desenvolverem nesses espaços. Ou seja, a mídia, em relação às secas, segue analisando a região da mesma forma e passando a mesma imagem negativa e errônea de sempre para o restante do país.

Ao manter, em suas notícias, essa visão sobre as secas do Nordeste, além de estar passando um conhecimento datado para o público, ensinando-o de maneira errada sobre a realidade atual da região, acaba também por estimular algo que era muito comum no passado, podendo desencadear mais desigualdades no Nordeste. Sabemos que as elites políticas e latifundiárias utilizaram-se do plano cultural (a mídia de maneira inclusa), para justificar a criação de leis e órgãos de combate a seca a seca, alegando que com recebimento de recursos, por meio desses aparatos criados pelo governo, eles conseguiriam “vencer” as secas e a pobreza gerada por ela. Porém, também sabemos que esses políticos somente utilizavam o discurso das secas para receber esses recursos, e utilizá-los para manterem seus privilégios e interesses regionais, acabando por manter, e até mesmo ampliar a desigualdade que existia na região. Ao reproduzir o mesmo discurso do passado em tempos atuais, a mídia continua possibilitando que políticos do Nordeste continuem usando o mesmo discurso de combate a secas para criar leis que dizem combatê-las, receber recursos, e utilizá-los nem sempre em prol dos interesses da população, mantendo a desigualdade na região. Podemos citar o artigo 1º da Lei nº 17.177, de 11 de março de 2021 que busca “estimular e incentivar a elaboração e a implantação de programas e projetos voltados ao desenvolvimento socioambiental sustentável do semiárido pernambucano no combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca”, para comprovar que continuam sendo criadas leis de combate aos efeitos da seca no Nordeste, ou por exemplo, podemos citar a transposição do Rio São Francisco, que foi noticiada como uma forma de levar água para as regiões do semiárido que mais sofrem com a seca. Como sabemos, entretanto, os maiores beneficiados com essa medida foram os grandes latifundiários, já que a região nordestina sofre com a desigualdade do acesso à terra e a forte concentração de grandes propriedades nas mãos de poucos.

Em relação a secas, a mídia segue analisando da mesma forma de sempre, gerando os mesmos resultados de sempre na imagem que a população tem sobre o Nordeste. Ao presenciar um fato, o jornalista toma uma série de decisões — desde as palavras a empregar até aspectos a se destacar de um conjunto de acontecimentos. Sendo assim, as notícias são criadas a partir de infinitas seleções e escolhas feitas pelos profissionais. “A partir do momento em que alguns detalhes são acentuados e outros não, a notícia se torna o veículo de uma representação específica da realidade — não uma distorção, mas uma necessidade prática” (MARTINO, 2009 Apud MARTINS, 2017), no caso essa necessidade prática seria atender o interesses das grandes elites.

Outra atitude da mídia constatada neste trabalho, que mostra que ela não mudou integralmente em relação ao seu passado, é a forma recorrente com que analisa e compara o Nordeste com outras regiões, sempre inferiorizando a região. Essa atitude de, sempre igualar o Nordeste a região Norte, e tentar a todo custo diferenciá-los do Sul e Sudeste, por causa da questão econômica, acaba dando continuidade e fortalecendo aquilo que sempre foi apresentado pelo plano cultural: a dualidade entre Norte pobre versus o Sul rico; do sertão pobre, atrasado e subdesenvolvido versus o litoral rico, moderno e desenvolvido. Essa atitude da Folha de São Paulo acaba por passar a informação de que o Nordeste é uma região pobre e sempre economicamente atrás do restante do país. Porém, o que chama a atenção, é que, mesmo a região Nordeste tendo uma economia mais fraca que a do Sul e do Sudeste, a mídia segue

sub-notificando em suas matérias os elevados níveis de crescimento que a região vem tendo nos últimos anos, apresentando um crescimento em seu PIB superior ao das regiões citadas anteriormente, e até mesmo acima do nacional. Omitindo esses dados, e apresentando a região nordestina como a mais pobre e tendo mais problemas do que outras, acaba fazendo com que os brasileiros não tenham conhecimento sobre a realidade econômica e social atual da região, e a vejam como inferior às outras. Essa maneira de analisar o Nordeste, ocultando os avanços da região, e continuamente colocando-a abaixo do Sul e do Sudeste, pode ser explicada por Renata Echeverria Martins, citando o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, pois:

A melhor metáfora para explicar essa categoria de percepção da realidade pelos jornalistas é a dos “óculos”: “Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Falando sobre o turismo na região, evidentemente não seria nenhum mal a mídia apresentar as belas paisagens do Nordeste e noticiar sobre como o turismo é importante para a região. Porém, outras atividades econômicas que também são extremamente importantes para a região poderiam ser mais abordadas. Ao apresentar somente o turismo, duas visões podem ser tiradas. A primeira é, que isso causará um efeito na população ao pensar sobre a economia do Nordeste, pois os brasileiros, já influenciados pelos estereótipos de seca e pobreza da região, possivelmente seguem sem saber que o agronegócio e a industrialização são importantes para a economia regional, trazendo em seu pensamento somente a importância do turismo, associando somente a essa atividade econômica, toda ou grande parte da produção econômica da região. A segunda visão, é a de que os jornais estariam recebendo investimentos de empresas de viagens para fazerem esse tipo de matéria, incentivando o turismo na região.

Apesar de serem somente 13 matérias jornalísticas, as matérias escolhidas sintetizam aquilo que foi apresentado pela Folha de São Paulo ao longo de uma década inteira, e isso demonstra que, a mesma visão com que a mídia apresentava o Nordeste em suas matérias no passado, segue tendo, na maioria delas, o mesmo viés e trazendo as mesmas análises sobre a região Nordeste. Com isso, o jornal contribui para que os brasileiros não mudem sua visão sobre o Nordeste, mantendo preconceitos e estereotipizações. Ao selecionar o que será mostrado e como será mostrado, o jornalista, de certa forma, está “construindo o presente”, ou como diz Carlos Eduardo Franciscato (2005), “fabricando-o”. Ou seja, moldando ativamente a forma com que o cidadão brasileiro pensa, especificamente pensa o Nordeste.

A recorrente produção de imagens negativas que a mídia atrela ao Nordeste molda a maneira como a população enxerga a região. Como essa construção social sobre a região já ocorre há muito tempo, e como as notícias do passado e do presente não mudaram substancialmente, é bem provável que a representação social do Nordeste no presente seja a mesma que a do passado. Defender a atualidade jornalística como uma construção social, institucional e coletiva implica em afirmar que: “O jornalismo não só produz o relato sobre os eventos, mas a sua inserção social faz com que ele esteja imerso no processo da construção da experiência social do presente” (FRANCISCATO, 2005 apud MARTINS, 2017). Sabendo disso, é necessário compreender de que maneira essas imagens que a Folha de São Paulo fez sobre a região

Nordeste, de 2010 até 2022, chegaram, se desenvolveram e impactaram no imaginário do brasileiro, e não só isso, pois a criação de certas ideias, tem o risco de levar à alienação.

3.1- O papel da mídia pensado a partir da teoria das representações sociais

Para explicar como a mídia e as imagens que ela apresenta sobre o Nordeste moldam a forma com que as pessoas pensam, entendem e falam sobre a região, é necessário antes de tudo, apresentar a Teoria da Representações Sociais de Serge Moscovici, pois esta teoria ajuda a entender como se forma o pensamento coletivo sobre algo.

O psicólogo social romeno, Serge Moscovici, elaborou a Teoria das Representações Sociais pela primeira vez, em 1961, em seu livro “La psychanalyse, son image et son public”. Insatisfeito com a psicologia tradicional norte americana, que se ocupava basicamente de processos psicológicos individuais, os quais não davam conta de analisar as relações informais, cotidianas, da vida humana, em um nível mais propriamente social ou coletivo (Sá, 1993), e influenciado pela teoria das representações coletivas do sociólogo Émile Durkheim, Moscovici formulou a Teoria das Representações Sociais, as quais se referem a ideias criadas pelas pessoas, em conjunto umas com as outras (sendo estas ideias tanto resultado desse processo de comunicação, como também voltadas para esse processo de comunicação). Essas ideias, segundo Moscovici, acabam por impactar diretamente, ganhar concretude e influenciar no mundo real, ou seja, as representações sociais são “criaturas do pensamento”, ideias, construções que o sujeito faz para entender o mundo e para se comunicar, que terminam por se constituir em um ambiente real e concreto (MARTINS, 2017). Celso Pereira de Sá, citando Serge Moscovici, nos diz que:

Segundo Serge Moscovici, a teoria das representações sociais deveriam ser reduzidas a uma modalidade específica de conhecimento que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos, no quadro da vida cotidiana. [...] Os conjuntos de conceitos, afirmações e explicações, que são as Representações Sociais, devem ser considerados como verdadeiras “teorias” do senso comum, “ciências coletivas” originais, pelas quais se procede a interpretação e mesmo a construção das realidades sociais. Para ele, as representações sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana. (1993, p. 23-26)

Na perspectiva psicossociológica de uma sociedade pensante, os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros “portadores” de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social, “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos” (MOSCOVICI, 1988 apud Sá, 1993). Moscovici ainda argumenta que nas sociedades contemporâneas existem dois tipos de universos de pensamentos, que atuam simultaneamente para moldar a nossa realidade: os universos consensuais e os universos reificados. No universo reificado, encontramos os pensamentos eruditos e conhecimentos produzidos pelas ciências e outras diversas áreas do conhecimento. No universo consensual, é onde temos os conhecimentos produzidos pela interação de ideias entre as pessoas, onde se formam as representações

sociais. Para Moscovici, a ideias do universo consensual, ou seja, as representações sociais são provenientes dos universos reificados, ou seja, as pessoas se apropriam das “das imagens, das noções e das linguagens que a ciência não cessa de inventar” (Moscovici; Hewstone, 1984 apud Sá, 1993), e a partir delas, da análise que faz sobre elas e da discussão com o outro, acaba por criar as representações sociais. O senso comum adapta os conceitos da ciência para empregá-la na vida cotidiana (Martins, 2017). Isso vai ao encontro com o que diz Denise Jodelet (1984), psicóloga social francesa com especialização em teoria das representações sociais, que argumenta que os conhecimentos são gerados a partir de uma compreensão alcançada por indivíduos que pensam, mas não sozinhos. É aqui que entra a grande influência da mídia na formação do pensamento das pessoas, pois o que faz o jornalismo: transforma de certa forma o conhecimento “científico” em conhecimento do senso comum. A teoria das representações sociais está preocupada com a maneira como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo (Martins, 2017). O próprio Serge Moscovici também alertava que um importante papel é desempenhado, nesse processo de transferência e transformação dos conhecimentos, pelos divulgadores científicos de todos os tipos- jornalistas, cientistas amadores, professores, animadores culturais, pessoal de marketing- e pela crescente ampliação e sofisticação dos meios de comunicação de massa (Moscovici; Hewstone, 1984 apud Sá, 1993). De acordo com Martins:

Na tentativa de traçarmos um diálogo entre a teoria das representações sociais e o jornalismo, apostamos que os meios de comunicação cumprem, de certa forma, função semelhante, ou seja, de tornar públicos os assuntos que elegem como importantes para uma sociedade. O principal objetivo da notícia, além de informar, é introduzir o assunto nas rodas de conversa, é provocar discussões para manter circulando a conversação e os comentários dos acontecimentos no mundo. manter circulando a comunicação entre as pessoas (2017, p. 90)

Um modo de se entender a influência da mídia é que ela irá trazer certos assuntos de diversas áreas do meio científico para o público, facilitar o entendimento desses conteúdos para que o público geral o entenda, absorvendo-o e dialogando com outras pessoas. Nesse processo, estarão não apenas sendo criadas as representações sociais sobre certo tema, como também a consciência social, que se tem sobre certo assunto, o que impacta diretamente no presente, de maneira concreta.

Traçando esse preâmbulo, conseguimos explicar como nasce a influência da mídia brasileira nas representações sociais sobre o Nordeste, no caso deste trabalho, explicar como a Folha de São Paulo molda o modo de pensar o Nordeste na mente do brasileiro.

Relacionando a teoria das representações sociais com a representação que a mídia faz do Nordeste vemos que a região nordestina, extremamente heterogênea, de grande importância histórica e que passa por experiências diversas em seu presente, é alvo de estudos por parte de vários nichos científicos, que produzem muita informação sobre a região. Com base nesses estudos, a mídia se apropria de resultados produzidos pela ciência, faz um recorte simplificado e escolhe qual visão, a respeito daquele tema, quer passar para o público. Sabemos que normalmente a visão passada pela mídia é bastante estereotipada e

ultrapassada. Com isso, ao entrar em contato com essas matérias, como as da Folha de São Paulo, a população poderá ter uma visão de que o Nordeste é uma região improdutiva, arcaica, seca, miserável e quente. Logo, o brasileiro, absorvendo os conteúdos dessas notícias, relacionando com os conhecimentos prévios que já tem sobre a região nordeste, os quais provavelmente também são estereotipados, e dialogando com outras pessoas, também alienadas sobre a região, acabam por criar uma representação social do Nordeste, onde o senso comum é pensar a região como um local pobre e atrasado. Esse pensamento raso a respeito da região mostra que uma das marcas do nosso mundo, e especificamente, na forma de pensar o Nordeste, seja estar sempre vivendo em um imaginário generalizado (Leitão; Santos, 2012 apud Barthes 1984). Isso, além de moldar o pensamento da população em geral, acaba por influenciar de maneira concreta as decisões que são tomadas para a região, com leis, decretos, criação de órgão, que, como vistos anteriormente, sempre foram utilizados para beneficiar as elites. Ou seja, as representações sociais a respeito do Nordeste serviram e servem para manter os privilégios dos mais ricos e manter a desigualdade social, a qual explica em parte, o porquê de os mais ricos serem tão ricos.

Dois métodos presentes na teoria das representações sociais, que são muito utilizados pela mídia, são: a ancoragem e a objetificação. A ancoragem ocorre quando, para facilitar o entendimento de algo novo, busca-se relacionar esse novo com algo antigo que a pessoa já tem conhecimento, para que ela tenha algo em que se apoiar para conseguir compreender esse conhecimento inédito. Nas matérias em geral sobre o Nordeste, e nas matérias escolhidas para esse trabalho, vemos a ancoragem ocorrer quando, buscando facilitar no entendimento do porquê de a região Nordeste estar tendo piores indicadores socioeconômicos que outras regiões, a mídia logo tenta conectar esses déficits com o problema das secas, conhecimento prévio que a grande maioria das pessoas já tem e que ajuda tanto na explicação quanto no entendimento. No entanto isso acaba por deixar o debate muito raso, pois acaba por esconder todos os demais fatores que prejudicam a região, fatores estes que são bem mais impactantes do que o fenômeno climático. A ancoragem (e até mesmo a objetificação), pode se assemelhar a algo chamado de Efeito de Enquadramento, técnica muita utilizada pelos meios de comunicação que busca:

Quando se está diante de uma informação, ela é enquadrada nos esquemas prévios de percepção do leitor. Esses esquemas, em uma definição simples, são o conhecimento das pessoas. Essas referências vêm de algum lugar, e essa é uma das premissas mais importantes do modelo do Efeito de Enquadramento: os esquemas de recepção da informação são igualmente construídos pela mídia. A mídia pode levar o leitor ou telespectador a associar as palavras a partir dos quadros de referência utilizados pelo senso comum. Para que o leitor ou telespectador entenda a notícia e forme sua opinião, é necessário que a informação nova esteja ligada a outras já conhecidas do leitor ou telespectador — isto é, deve ser enquadrada (framed) na moldura de referências anteriores, a um contexto. (Martino, 2009, p. 42 apud Martins, 2017, p. 102.)

Já a objetificação ocorre quando se tenta explicar um conhecimento novo relacionando-o a uma imagem que a pessoa já conhece. O problema é que, no caso do Nordeste, quando se associa um assunto novo a uma imagem já conhecida, esse assunto novo estará sendo associado a uma imagem que já vem cheia de estereótipos, fazendo com que o conteúdo novo seja pensado por meio de ideias antigas. No caso das matérias escolhidas, trazemos duas imagens para ilustrar nossas reflexões.

Figura 1

Fernando Vivas/Folhapress



Desempregado há dez meses, Cláudio Santos de Jesus caminha com a família em Terra Nova (BA)

Fonte: Folha de São Paulo, 2017

Figura 2

Joel Silva/Folhapress



O rio São Francisco, em Pirapora, que passa por período de seca.

Fonte: Folha de São Paulo, 2015

Elas representam de modo claro como funciona a objetificação, pois, na primeira, o jornal, ao falar da seca e como ela gera pobreza, eles colocam a imagem de uma família pobre em um lugar vazio sem nenhum tipo modernidade ou sinal de civilização a sua volta, somente uma estrada sem asfalto e com uma grama alta ao seu redor. Isso faz com que, o leitor, já tendo em mente o estereótipo de que o Nordeste é uma região pobre, subdesenvolvida e atrasada, ele consegue facilmente enxergar todos esses estereótipos na imagem e assim facilmente conseguir relacionar o problema da seca com aquilo que é apresentado na foto, criando toda causa e consequência em sua mente, e não descobrindo o real motivo dessa pobreza (que muitas vezes é mascarada de maneira proposital para esconder a desigualdade que é gerada em benefício dos mais ricos). Já a segunda foto, mostra um rio lamacento e vazio. Já conhecendo todo o histórico de seca que é característico da região, ao ver essa imagem o leitor também facilmente a relaciona com o conhecimento prévio que ele tem sobre as secas do Nordeste. O problema, é que sempre associando novos conhecimentos com imagens já conhecidas, que carregam grandes estereótipos, o leitor não conseguirá realmente conhecer a verdade sobre a região. Por exemplo, lendo que o Nordeste está passando por uma seca, e vendo essa imagem de um rio lamacento e vazio, logo, relacionado com todos os problemas que ele já conhece sobre o Nordeste, o leitor pode pensar que é comum os rios da Bacia de Sobradinho e do Rio São Francisco estarem vazios. Na realidade, o que não chegará para o leitor, se continuar com esse tipo de objetificação, é de que o Rio São Francisco é um rio

perene, ou seja, um rio que possui fluxo normalmente constante e estável ao longo de todo o ano. Sendo assim, ele não seca, independentemente do período de estiagem. Ao analisarem as fotos colocadas em matérias jornalísticas sobre o sertão, Juliana Andrade Leitão e Maria Salett Tauk Santos, em seu texto, “Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões”, afirmam que temos um:

Ciclo vicioso de imagens iguais, preso a uma memória social da representação fotográfica construída no senso comum que identifica nas imagens um Sertão, seco, quente, improdutivo, miserável, arcaico, um olhar real sobre a região, mas não o único, existem outros Sertões, outras discussões que não são trazidas à tona em nenhuma imagem, a seca parece ser o único tema, a categoria central na qual todos os questionamentos sobre o Sertão devem encaixar-se para ser mostrado nos jornais sem chocar ou frustrar o modelo pré-estabelecido pelo senso comum (2012, p. 153).

Com o entendimento sobre o que é a teoria das representações sociais; os universo consensuais e reificados; e o processo de objetificação e ancoragem, conseguimos perceber como a mídia impacta na construção do pensamento sobre o Nordeste, que no final das contas, não se mostra um pensamento individual, mas sim acaba por se tornar uma construção coletiva da sociedade baseada nas análises estereotipadas, rasas e ultrapassadas feitas pela mídia. O Jornal Folha de São Paulo, sendo o mais consumido do Brasil há alguns anos, tem um impacto direto na forma como o Nordeste será visto e compreendido pelos leitores, e não apenas por estes, mas também por aqueles que dialogam com seus assinantes. Isso acaba por gerar impactos diversos na região, tanto culturalmente, quanto economicamente, e principalmente politicamente.

Juliana Andrade Leitão e Maria Salett Tauk Santos (2012) definiram de maneira precisa qual a função de um jornal, ou seja

:

[...] faz parte do serviço prestado à sociedade pelos meios de comunicação de massa a função de questionar e fiscalizar o poder público e a desigualdade social, no entanto pode também contribuir para mostrar as vocações locais de cada região, cobrar a descentralização da gestão pública; formar parcerias entre o estado local e a sociedade civil, com adensamento das energias sociais; ter maior eficácia na implementação dos objetivos e das metas; assim como cobrar a inserção estrutural das mulheres rurais nas atividades produtivas e nas esferas de decisão; divulgar as possibilidades de que se crie uma maior autossuficiência e menos dependência de apoios externos. (2012, p.152)

Dessa forma, o jornalismo que não rompe com processos estereotipados perde a oportunidade de contribuir para o conhecimento real da região e, em última análise, do país (Leitão; Santos, 2012). Trazendo para a realidade nordestina, e vendo a forma como a Folha de São Paulo analisou a região, vemos que não estão sendo rompidos os estereótipos a respeito do Nordeste, consequentemente, a mídia continuará contribuindo para formar mais

uma geração de pessoas que continuam acreditando na falácia de que o Nordeste é uma região pobre, seca e atrasada. Opinião totalmente contrária do nordestino que vive na região, pois vivendo as características da região no seu dia a dia, ele sabe muito bem qual é a verdadeira realidade do local em que vive.

Finalizando, retomamos a afirmação de Moscovici que diz que :

As representações Sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tais, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. A marcação social dos conteúdos ou dos processos de representação refere-se às condições e aos contextos nos quais emergem as representações, as comunicações pelas quais elas circulam, as funções que elas servem na interação com o mundo e com os outros" (Moscovici 1988 apud Sá, 1993, pág. 32).

Assim, conseguimos compreender que o contexto em que os diálogos ocorrem irá desenvolver diferentes representações sociais sobre certo tema. Sabendo disso, a Folha de São Paulo, e a mídia brasileira como um todo, deveria, ao falar da região Nordeste, dar mais voz a jornalistas e estudiosos nordestinos, pois estes vivenciam o dia a dia da região e vivenciam as representações sociais sobre o Nordeste desenvolvidas no contexto nordestino, as quais são muito diferentes das do restante do país, que estão cheias de estereótipos e preconceitos. Assim, conseguiria expor para o leitor brasileiro uma "outra verdade" sobre essa grande região, tão importante para a história, cultura e economia do país.

Conclusão

Esse trabalho foi guiado pelos objetivos de, fazer uma análise socioeconômica do Nordeste de 2010 até 2022, e entender como a mídia segue tratando a região. Observamos que várias políticas públicas feitas pelo Estado, concretizadas na primeira década do século XXI, tiveram resultados a longo prazo, melhorando ainda mais a realidade socioeconômica nordestina na segunda década do século. Fazendo uma análise da história da região, vimos que os territórios que hoje compõem o Nordeste tiveram, desde o descobrimento do Brasil, certos momentos de glória e grande relevância econômica para o Brasil, principalmente no início da colonização com a extração de Pau-Brasil e Cana-de-açúcar. No entanto, nesse mesmo recorte de tempo, pudemos observar que a região passou mais por problemas econômicos (causados por diversos motivos) e por problemas sociais, do que por momentos de bonança.

Esses problemas continuaram a existir mesmo no século XX, com a criação de diversos órgãos voltados para melhorar a realidade nordestina, como a DNOCS e a IFOCS voltadas para o combate a seca, que para muitos era o que ocasionava a pobreza na região (na realidade esse discurso só serviu de base para as elites políticas receberem recursos do governo), ou a Sudene, que tinha como objetivo industrializar e integrar o Nordeste ao restante da economia do país, para diminuir a desigualdade entre as regiões. Os efeitos gerados por esses projetos, pontualmente até auxiliaram a região, porém não mudaram a realidade nordestina em relação ao restante do país. Observamos mudanças realmente impactantes na região, no século XX, graças às políticas de “coesão social”, que melhoraram o acesso ao crédito; poder de compra da população; maior acesso à educação; entre outros benefícios, as políticas de “solidariedade regional” que possibilitaram que mais verba fosse direcionada para o Nordeste, para que se pudesse investir na região, principalmente em infraestrutura, atraindo diversos investimentos de empresa públicas e privadas. Como dito anteriormente, essas políticas foram adotadas na primeira década do século XXI, e produziram resultados que contribuíram para melhorar ainda mais a realidade socioeconômica nordestina na segunda década do século. Ou seja, observamos que economicamente, os anos de 2010 até 2022, dão sequência aos bons resultados que a região já vinha tendo na primeira década do século, porém superiores, já que vemos que nessa segunda década, a participação da região no PIB brasileiro, foi superior a participação que a região teve na primeira década. Vale ressaltar que, mesmo sendo uma continuidade dos bons resultados dos anos 2000, a década de 2010, apresenta particularidades econômicas que a colocam como uma das melhores décadas econômicas da história do Nordeste, principalmente falando de sua história recente.

Como abordado ao longo do texto, esse crescimento econômico, somado às políticas públicas mencionadas anteriormente, socialmente falando, geraram alguns bons resultados para a região, vemos isso no aumento do IDH que todos os estados da região tiveram. No entanto, vemos que ainda existem muitos problemas sociais na região, como uma média ainda baixa de salários para a população, problema relacionados a coleta de lixo e saneamento básico, e a região tem o menor PIB per capita, mostrando que ainda existe uma desigualdade entre ela e outras regiões. Vimos que durante os anos da Covid-19, de 2020 até

2022, a economia da região teve um déficit, porém as perdas e os problemas sociais foram de forma muito maiores que os econômicos, demonstrando a fragilidade da região. Com isso, concluímos a análise socioeconômica do Nordeste de 2010 até 2022, a partir dos conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento econômico. Sabendo que crescimento econômico está ligado a um aumento da receita interna e um aperfeiçoamento tecnológico da região, e o desenvolvimento econômico está ligado a melhoria da qualidade de vida que o crescimento econômico gera, e sabendo que mesmo com melhorias na qualidade de vida do nordestino, ainda há muito o que melhorar, concluímos nessa análise socioeconômica do Nordeste de 2010 até 2022 que, a região, comparada a seu passado, realmente passou por um crescimento econômico, porém não podemos dizer que ela já passou por um desenvolvimento econômico, pois ela ainda vivencia muitos problemas. O que podemos dizer é que ela está num processo de desenvolvimento econômico, onde melhorias já foram alcançadas, mas ainda tem alguns âmbitos a melhorar.

Agora, falando sobre como a mídia segue retratando a região, foi utilizado o jornal Folha de São Paulo, jornal mais consumido e influente do Brasil, para entender qual imagem estava sendo passada para a população. Foi abordado ao longo do texto qual a imagem que um jornal de grande influência no país criou a respeito do Nordeste, imagem esta, que mostrava a região como um local atrasado, quente, seco, lócus da barbárie e inferior a outras regiões e estados do Brasil, como São Paulo, onde era trabalhada a antítese sertão (representando o Nordeste) pobre, seco e subdesenvolvido, totalmente o inverso do litoral (representando o Sudeste), rico, moderno e desenvolvido. Foi mostrado também como as elites econômicas e políticas utilizavam esse discurso, para conseguir recursos, alegando que iria combater esses problemas da região, modernizando-a, porém realmente usavam os recursos para manter seus privilégios e interesses, deixando uma maior desigualdade na região. Analisar as matérias da Folha de São Paulo, sobre o Nordeste, de 2010 até 2022, serviu como uma forma de responder a pergunta: Mesmo com uma nova realidade socioeconômica, a mídia segue retratando o Nordeste da mesma forma que fez ao longo de toda sua história? A resposta é sim. Chegamos ao sim pois, analisando a produção jornalística da Folha de São Paulo, sobre o Nordeste, como um todo, e do recorte das 13 matérias escolhidas, vimos que ainda hoje, a mídia segue retratando a região pelo mesmo olhar: o da pobreza da região causada pelas secas; de problemas de infraestrutura/atrazo tecnológico; a comparação, sempre inferiorizando o Nordeste, em relação a outras regiões mais ricas. A única diferença, é que hoje, ela mostra os investimentos que a região vem recebendo de certas empresas, situação que de certa forma deixa um questionamento, já que, se antes as elites políticas utilizavam os problemas da região para benefícios próprios, o que impede o pensamento de que, mostrar a quantidade de empresas que vieram investir na região, não seja uma forma de palanque político, de tentar mostrar para a região como os políticos envolvidos beneficiam a região. Mas, em resumo, analisando as matérias da Folha de São Paulo, no intervalo de tempo pré estabelecido, vimos que não houve uma diferença gritante na maneira que as matérias retratavam a região, situação que auxilia a manter a forma estereotipada e preconceituosa pela qual o brasileiro enxerga e pensa a região. Utilizando as palavras de Albuquerque Jr: “A sensação que se tem quando deparamos com o que é mostrado na mídia, ou mesmo fora dela, sobre a cultura do Nordeste, é de que o tempo parou para esta região” (Albuquerque Jr, 2011).

Utilizando a teoria das representações sociais de Serge Moscovici, pudemos ver como a mídia, com essas imagens estereotipadas e ultrapassadas sobre a região impactam negativamente no pensamento coletivo sobre o Nordeste. Isso pois as representações sociais se referem ao pensamento coletivo construído sobre certo assunto, sempre analisando as palavras, ideias e visões que foram utilizadas para construir esse conhecimento coletivo. Se a mídia, que é uma das primeiras formas para a sociedade se informar sobre diferentes temas, retrata o Nordeste de uma forma rasa, ultrapassada e estereotipada, ligando a região a seca, atraso e subdesenvolvimento, essa é a forma como a mensagem chegará inicialmente para os indivíduos que a lerem. Assim, ligando esses conhecimentos preconceituosos adquiridos na mídia, aos conhecimentos prévios que já se tem (muitas vezes estereotipados também), analisando-os, interpretando-os e dialogando sobre eles com outras pessoas, assim se formará a representação social que o brasileiro tem sobre o Nordeste. Uma representação social preconceituosa, pautada em todos os estereótipos que a mídia usa para retratar a região.

Sendo assim, por meio deste texto, vemos que, mesmo diante do fato de que a região Nordeste esteja vivendo um novo momento socioeconômico na sua história, momento este muito positivo, a mídia segue retratando a região da mesma forma negativa e errônea, do mesmo modo que vem fazendo há muito tempo. Isso acaba por mascarar tudo aquilo que a região vem conquistando, fazendo com que o brasileiro não conheça a realidade de uma das mais importantes regiões de seu país, e siga espalhando desinformação e dialogando sobre o Nordeste a partir de uma visão ultrapassada que esconde os reais problemas da região e as qualidades que, de fato e verdadeiramente, representam a região.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 4^a ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.

ALVARENGA, Darlan. Com recessões e pandemia, PIB do Brasil tem pior década em 120 anos. **G1.** São Paulo, 03 mar 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/03/com-recessoes-e-pandemia-pib-do-brasil-tem-pior-decada-em-120-anos.ghtml>. Acesso em: 12 jun 2024.

ARRUDA, Danilo. **A política regional no Brasil: uma análise dos planos para o Nordeste a partir de uma visão sistêmica.** Cadernos do Desenvolvimento, v. 6, n. 9, p. 61-91, 2018.

ATLAS BRASIL. **Consulta IDHM.** Rio de Janeiro: Atlas Brasil, 2024. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planilha>. Acesso em: 09.nov.2024.

BACELAR, Tania. Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas. In: GUIMARÃES, Paulo Ferraz et al. (Org.). **Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste.** Rio de Janeiro : Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p. [540]-560. Disponível em: https://web.bnDES.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/14600/1/Um%20olhar%20territorial-Nordeste_desenvolvimento%20recente%20e%20perspectivascap.%2019_P_BD.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

BACELAR, Tânia . Por uma política nacional de desenvolvimento regional. In: ARAÚJO, T. B. **Ensaios sobre o desenvolvimento brasileiro.** Rio de Janeiro: Revan, 2000b.

BAHIA, Superintendência de estudos regionais da. **infoNordeste.** [s.l.], 19 de Março de 2024. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/resumo/info_nordeste.pdf. Acesso em: 06.out.2024.

BARTHES, Roland. **A câmera clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Acesso em: 04.abr.2024.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso.** Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Edições 70, LDA, 2009. Acesso em: 04.abr.2024.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997. Acesso em: 10.jun.2024.

CARNEVALE, Tricia Magalhães. **Mapa das Capitanias Hereditárias.** Disponível em: <https://historiapublica.blogspot.com/2016/09/mapa-das-capitanias-hereditarias.html>. Acesso em: 03.dez.2024.

CARVALHO, S. T. N. **Impacto da inteligência artificial na atividade de auditoria: equacionando gargalos nos repasses da união para entes subnacionais.** Dissertação (mestrado) –Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. 2020. 114 f. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/29680>. Acesso em: 30.ago.2024.

CONTEL, Fábio. **As divisões regionais do Brasil no século XX.** Terra Brasilis, 3 (2014), pp. 1-17. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/990>. Acesso em: 03.dez.2024.

DA FONSECA , J. L. D. ; ALMEIDA , C. R. da C. ; DA SILVA , M. do R. . **IMPACTOS NA ARRECADAÇÃO NOS ESTADOS DO NORDESTE NA PANDEMIA DA COVID-19.** Revista Conhecimento Contábil, [S. l.], v. 11, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCC/article/view/3610>. Acesso em: 25 nov. 2024.

DE OLIVEIRA, Osmar Faustino. **Uma discussão sobre desenvolvimento regional na perspectiva de Tania Bacelar.** Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 33–54, 2020. DOI: 10.7867/2317-5443.2020v8n2p33-54. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/8216>. Acesso em: 28 out. 2024.

ENEM 2023, Com quase metade das notas mil do país, Nordeste lidera gabaritos na redação do. Rio de Janeiro: **O Globo**, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/enem-e-vestibular/noticia/2024/01/17/com-quase-metade-das-notas-mil-do-pais-nordeste-lidera-gabaritos-redacao-do-enem-2023-veja-quantos-foram.ghtml>. Acesso em: 01.nov.2024.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** Aracaju: Editora UFS, 2005. Acesso em: 23.jun.2024.

GUIMARÃES NETO, L. Nota Técnica sobre as desigualdades regionais no Governo Lula, preparada para o estudo Brasil 2003-2010. Brasília: CGEE, 2010.

HEWSTONE, Miles; MOSCOVICI, Serge. (eds.). **Social Representations.** Cambridge, Cambridge University Press, 1984a.. Acesso em: 23.ago.2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão.** In: _____. (Ed.). As representações sociais. Paris: PUF, 1989.

LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.35, n.1, p. 133-155, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/N9qjM7mMCTXgmYdRsXcwVvq/>. Acesso em: 04.abr.2024.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARTINO, L. M. Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009. Acesso em: 04.nov.2024.

MARTINS, Renata Echeverria. **As representações sociais do Nordeste no Jornal Nacional.** 2017. Tese (Doutorado em Comunicação)-Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/28355/1/TESE%20Renata%20Echeverria%20Martins.pdf>. Acesso em: 04.jun.2024.

MENDONÇA, Italo do Nascimento; NEVES, Otavio Junio Faria; BATISTA, Carolina Rocha. Políticas econômicas recentes e as características do mercado de trabalho na região Nordeste do Brasil: Uma análise da estrutura do desemprego nos primeiros trimestres de 2019 e 2020. **Reflexões econômicas: revista do departamento de ciências econômicas.** Florianópolis, v. 7, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/reflexoeseconomicas/article/view/3210/2432>. Acesso em: 15.out.2024.

MENEZES, Álvaro Tavares de. **Evolução de indicadores sociais e econômicos nas capitais do nordeste brasileiro: uma análise comparativa de Fortaleza, no período de 2010-2020.** 2023. 63f. Dissertação (Mestrado em Economia do Setor Público) - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade - FEAAC, Programa de Economia Profissional - PEP, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza (CE), 2023. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/74714/1/2023_dis_atmenezes.pdf. Acesso em: 23 mai. 2024.

MIATO, Bruna; MACEDO, Rayane. **Região Nordeste tem o menor salário médio do Brasil, com R\$ R\$ 2.809; média nacional é de R\$ 3.542.** [s.l.], 20 de junho de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/06/20/regiao-nordeste-tem-o-menor-salario-medio-do-brasil-com-r-r-2809-media-nacional-e-de-r-3542.ghtml>. Acesso em: 29.nov.2024.

MOEDAS, José Manuel; Da SILVA, Teresinha de Jesus; De BARROS, Fernando Galvão. Desempenho Econômico do Piauí 2002-2016. **Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE,** Teresina, 03 jun 2019. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/45799/1057811/Desempenho+Econ%C3%B4mico+do+Piau%C3%A7%C3%AD+2002-2016.pdf/435f7c25-00b7-dd39-6e78-9ddc3e95c61e?t=1648743907034&download=true>. Acesso em: 24.set.2024

MORAES, Antonio Carlos Robert. **O Sertão: um “outro” geográfico.** Terra Brasilis, 4-5, 2003. Acesso em: 15.nov.2024.

MOSCOVICI, Serge. **Notes towards a description of Social Representations.** European Journal of Social Psychology, 18:211-250, 1988. Acesso em: 23.ago.2024

OLIVEIRA, F. de. **Elegia para uma re(ligião): SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 21-50

PÉRICLES DE OLIVEIRA CARVALHO, Cícero. O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO NORDESTE NOS ANOS PÓS-SUDENE (2000-2016). **Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD,** [s. l.], v. 39, n. 134, 2018. Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/987>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SÁ, C. P. de. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria.** In: SPINK, M. J. (org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Editora brasiliense, 1993. p. 19-45.

SANDRONI, Paulo. **Novo dicionário de economia.** 4. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

SANTOS, Maria de Fátima. **A teoria das representações sociais.** In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria de (org.). Diálogos com a teoria das representações sociais. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Ed. Universitária da UFAL, 2005, v. 1, p. 13-38. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=uBROp9313z8C&oi=fnd&pg=PA13&ots=Wx7UvAIjOT&sig=-2q-aJDt4qP_aVMMEN7MU7KDY7g#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 12 mai 2024.

SCHYMURA, Luiz Guilherme. O papel da falta de sorte na “década perdida” de 2011 a 2020. **Carta do Ibre**, v.76, n.2, p.6-9, 2022. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/revista-conjuntura-economica/carta-da-conjuntura/o-papel-da-falta-de-sorte-na-decada-perdida-de>. Acesso em: 12 jun 2024.

SEMESP. **Região Nordeste – 12º Mapa do Ensino Superior – 2022.** Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/edicao-12/regioes/nordeste/#:~:text=Com%20cerca%20de%2058%20milh%C3%B5es,de%20estudantes%20no%20ensino%20superior>. Acesso em: 3.dez.2024.

TRECE, Juliana; CONSIDERA, Claudio. Breve Retrato Econômico da Região Nordeste. **Textos para discussão**, Rio de Janeiro, v1, n8, p.1-21, 2023. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/breve-retrato-economico-da-regiao-nordeste>. Acesso em 10.06.2024.

ZANLORENSSI, Gabriel; GOMES Lucas. **Qual o salário médio do trabalho formal no Brasil.** Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/01/10/qual-o-salario-medio-do-trabalho-formal-no-brasil>. Acesso em: 29.nov.2024.

